



reporter.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

28 de Março de 1931

Numero 34



LER NESTE NUMERO: Lisboa cosmopolita—A cisterna maravilhosa—O mistério das grandes fortunas, etc., etc..

COMPRA
OURO, PRATA
E JOIAS,
ETC.

A COMERCIAL
18, Trav. da Trindade, 22 (ao Chiado)
Telef. 2 5082

VENDE
OURO,
JOIAS, PRA-
TAS, ETC.,
POR PREÇOS
MÓDICOS

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte

PASSAPORTES

Agente no Norte
da **United States Lines**
TELEFONE, 762
Rua do Loureiro, 60, 62 PORTO

ALFAIATARIA
DE
ANTONIO DIAS

Fazendas nacionais
— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34
LISBOA

DOENÇAS DO ESTOMAGO

**CURAM-SE COM O
ELIXIR ESTOMACAL SAIZ DE CARLOS**

Comprar sómente do que tem a cinta de garantia, com a assinatura do preparador. A cinta é nas côres vermelha e amarela

Unicos depositários para Portugal e Colonias

VICENTE PIMENTEL & QUINTANS—194, R. da Prata, 196

Feliciano Sobral

RUA DA FÁBRICA, 11, 2.º

PORTO

Telefone, 4353

Atoalhados, Colchas,
Cobertores, Riscados, etc.

Representante da Casa

Teixeira de Abreu & C.ª

GUIMARÃES



É caro? É! Mas no
ESCONDIDINHO

come-se porque o
ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus
«ménus», os seus ser-
viços, os seus talheres,
os seus vinhos são ce-
lebres e não têm rival.

Rua Passos Manuel--PORTO

“GARANTIA”
COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem te
sempre em vista que nenhuma outra Com-
panhia lhes pode oferecer maiores vanta-
gens: o seguro de vida obedece à matemá-
tica e está é uma só. O que os segurados
devem exigir é idoneidade da Companhia,
e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a es-
cudá-la o seu passado

SEDE
Rua Ferrelra Borges, 37—PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)
DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.ª, L.ª da
DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

reporter

Homens & Factos do Dia

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a tódos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto á venda
simultaneamente em tódo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Administrador e Editor
PEDRO SANTOS

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

PROPRIEDADE DE REINALDO FERREIRA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3. 3' - TELEFONE 26442 - LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX - LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO - RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD
RUA D. PEDRO V. 120 - LISBOA - TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 " " " 25 " —Esc. 22\$50
12 " " " 52 " —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

O louco número 44.170

HÁ anos, apareceu vagabundeando pelas ruas de Florença um homem que dava mostras de alienação mental e cuja identidade foi impossível descobrir. Internaram-no na casa de doidos de Collegno, puseram-lhe o número 44.170 e deixaram-no viver por muito tempo, sem cuidarem de investigar que personalidade poderia ocultar esse número prosaico. Era um louco... Era o 44.170...

Um dia, alguém se lembrou de afirmar que esse louco insignificante, que vegetava havia tanto tempo no hospital de Collegno, era a sobrevivência de um homem que tinha tido na sociedade uma posição de destaque, o senhor Giulio Canella, que fôra um erudito e que durante a Grande Guerra, em 1916, desaparecera num combate na Macedonia. Alarmado por esta notícia, um irmão de Canella correu ao hospital a examinar o louco 44.170. Realmente, a parecnça era flagrante, mas o pobre alienado não



deu mostras de o conhecer e, como muitos anos haviam passado sobre a desapareição do erudito, o irmão dêste, a despeito das semelhanças que lhe notara, não se atreveu a reconhecê-lo oficialmente como sendo o verdadeiro Giulio Canella.

O desaparecido de 1916, o rico proprietário, o sábio erudito que o mistério tragara, tinha mulher e um filho chamado Guiseppino. Essa mulher, Giulia Canella, sabedora da visita que o cunhado fizera ao hospital de loucos, sentiu que da certeza da sua viuvez se erguera uma dúvida apavorante: E se Giulio não tivesse morrido? E se seu marido fôsse o louco 44.170?

Hesitou durante algum tempo e, por fim, não podendo suportar a tortura da dúvida, quis certificar-se por seus próprios olhos. Foi ela pessoalmente vêr o louco ao hospital. Chegada á presença do internado, êste, mal a encarou, correu para ela de braços abertos, apertando-a de encontro ao peito num amplexo apaixonado, e chamando-a pelo seu nome — «Giulia! Giulia!» Mas não bastava êste, pelo menos, aparente lâmpo de lucidez do doido para convencer a pobre mulher de que era o seu marido que ressuscitava ante os seus olhos. Giulio Canella conservava nos bolsos um papel velho, amarrotado, amarelecido pelo tempo. Era um bilhete postal assinado por aquêle a quem chamava seu filho — o seu Guiseppino. A mulher não podia duvidar, tódos os factos se conjugavam para a levarem á certeza de que estava na presença de seu marido: a flagrante semelhança do louco

com o homem cheio de vida que partira para a guerra e não voltara; o facto eloqüentíssimo de êle apenas a reconhecer a ela como espôsa de entre tantas pessoas que o tinham visitado, e, por fim, a nota terna e comovente daquêle postal assinado pela mão incerta duma criança, daquêle pedaço de papel amarrotado e sujo que, a-pesar-de louco, conservava nos bolsos como uma reliquia de amor paternal.

Estava identificado o doido 44.170. Para o desgraçado vagabundo das ruas de Florença e para aquela que durante tantos anos se julgara viuva, unidos agora ou pela força da verdade que soube vencer a muralha do mistério indecifrável que parecia ter separado para sempre os seus corpos e as suas almas, ou por um milagre de sugestão que transformasse em verdade inabalável o que talvez não passasse de aparência bem conjugada mas inconsistente, uma vida nova começou nimbada de felicidade sem limites, nos braços um do outro.

Mas um dia, mão anónima — daquelas mãos anónimas que se comprazem em destruir á traição a ventura alheia, quer ela assente sobre as mais sólidas realidades, quer se erga no castelo dourado de nuvens illusórias — denunciou que o louco 44.170 não era o erudito Giulio Canella, como pretendia fazer acreditar, mas simplesmente o tipógrafo Mario Bruneri, cujas semelhanças físicas eram flagrantes com o desaparecido de 1916. Mario Bruneri também havia desapare-

(Conclui na pag. 15)

CAVAQUEIRA AMENA...

Por Stuart
Carvalhais



— Não calcula a senhora! Moro numa casa, tão baixo, tão baixo, que só posso comer... linguado!...

A CISTERNA MARAVILHOSA DO CASTELO DE S. JORGE

O que é? Mesquita árabe? Templo gentílico? Ou simples palácio romano?

A evocação de Reinaldo Ferreira sobre os escaninhos subterrâneos do Teatro Nacional, que foi Paço dos Estãos e Palácio da Inquisição, trouxe-me vagamente à memória a notícia que eu lera, há muitos anos, sobre a cisterna misteriosa do Castelo. Pus-me a parafusar no assunto e fiz um esforço introspectivo para me recordar onde diabo tinha eu lido isto. E lembrei-me depois que fora num dos volumes do «Panorama», a admirável revista literária que, sob a responsabilidade de Herculano, nos deixou um manancial inesgotável de interessantíssimas coisas, em dezoito volumes compactos, a duas colunas de texto e com profusas ilustrações. A notícia a que me reporto vem no n.º 50 do 2.º volume, que corresponde à semana de 14 de Abril de 1838, ou seja há quasi um século. Herculano pedia que se desse um certo desconto aos entusiasmos do articulista, mas acrescentava que ele se dizia testemunha ocular da narrativa e que se deviam fazer indagações acerca da matéria. Não me consta que essas indagações se fizessem, e como eu não tenho tempo para as levar a efeito aqui dou os tópicos principais da notícia na esperança de que algum dos meus camaradas do *Reporter X* se encha de coragem e de curiosidade e me diga o que for hoje possível desencantar sobre a tal misteriosa e maravilhosa cisterna.

Fica ela defronte da porta do Castelo, chamada de Alfófa, no quintal de umas casas que foram do desembargador Manuel Pinto de Mira. Claro que esse desembargador não era um mira, era uma mina se tivesse deixado de si ponta por onde se lhe pegasse. Mas não deixou. Era um desembargador como houve e há muitos e dele não resta mais do que o nome como ponto de partida. Resta-nos a indicação da Porta da Alfófa, e por aqui é que temos que começar. Sabemos que as casas do Pinto de Mira, que já está mirando a eternidade há mais de um século, ficavam defronte desta porta, tinham um quintal com parreiras e numa pequena estrebaria a boca da cisterna misteriosa. Sabemos mais que o muro do quintal ficava para a parte do Seminário de S. Patricio. Precisamos agora localizar tudo isto em nomenclatura moderna.

A Porta da Alfófa já não existe. Sumiu-se com as suas irmãs do Ferro, de Alfama, do Sol e de D. Fradique, mais o postigo do Conde de Linhares. Descia-se da porta principal do Castelo, chamada de S. Jorge, e encontrava-se a Porta da Alfófa, junto da qual se via a Ermida de S. Crispim, e antes da Porta do Ferro, que ficava lá mais abaixo defronte da Sé. Administrava esta Ermida de Crispim e S. Crispiniano a Irmandade dos Sapateiros.

O Seminário de S. Patricio foi um colégio fundado por Antonio Fernandes Ximenes, cujo apelido já foi nomenclatura cidadina no *Terreirinho do Ximenes*, há muito desaparecido. O colégio passou do Ximenes aos Carmelitas Descalços e foi vendido por estes aos jesuítas, em 1605, que o disfrutaram até 1833, depois de convenientemente reparado e aumentado, após o terramoto de 1755.

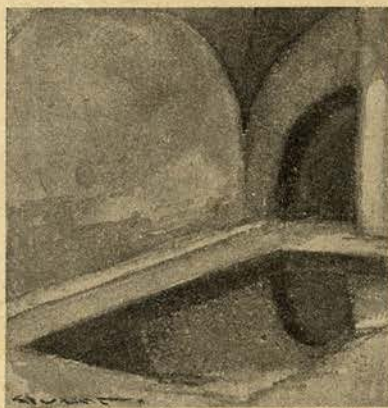
Da velha Calçada de S. Crispim resta-nos hoje as escadilhas deste nome, que começam no n.º 61 da Rua de S. Mamede e acabam ao lado do n.º 1 da Costa do Castelo, fazendo a meio um cotovelo.

Ora muito bem. Há-de haver aqui, no sitio onde era o quintal do Manuel Pinto de Mira (que ficava defronte da Porta da Alfófa), uma boca de poço ou de cisterna, bocal de pedra

feito há pouco mais de um século. E' questão de o procurarem. Uma vez encontrado, tome o leitor as suas precauções e venha daí comigo, mas não faça como os curiosos de há um século que, à primeira investida, encheram-se de medo e fugiram.

Vamos lá: — «A abóbada é monstruosa e mostra que foi quebrada para se ver o que continha», diz-nos o nosso informador. «E' tão grande que dizemos-se uma palavra no bocal, a repete o eco inteira e clara, quasi um quarto de hora; tem tanta água, que nunca com bombas se pôde diminuir e menos esgotar». Isto era assim em 1838. Haverá a mesma dificuldade em 1931?

Continuemos: — «E' tal a sua grandeza, que se crê ocupar por baixo a maior parte da cidade (cidade antiga, é claro), e que vai parar ao mar». Há aqui evidente exagero, ainda mesmo que se tomasse a palavra *mar* pelo *Tejo*. Diz o homem que tal opinião a teve um búzio ou mergulhador que andou na cisterna



um dia inteiro à procura do cadáver de um moço que nela se afogou; e acrescenta que um sacerdote que morou nas casas do tal desembargador se encheu um dia de coragem e desceu pelo bocal atado por uma corda, e levando nas mão um archote aceso. E que foi que lhe aconteceu, se este bom portuguezinho

COISAS QUE TODOS

DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO vende

os afamados Tapetes de

Beiriz, faianças artísticas

e mobiliário género antigo

da primeira metade do século XIX não esteve chuchando connosco no antegozo da indromínice que nos estava pregando? Isto, que é de meditar: «Apenas viu a grandeza do seu âmbito e a monstruosidade das colunas, assim no número como na grossura, perdeu o alento e pediu que o subissem logo.»

Temos aqui, segundo a versão deste padre medroso e assustado, que a cisterna é duma grandeza enorme e tem colunas monstruosas. Fizeram-se ainda outras tentativas. Viu-se que tinha escoras de baixo de água para o lado da rua onde deveria ter sido a porta em recuadas épocas. Quando chove, o barulho lá dentro é de arrepiar os cabelos aos mais afoitos, como se, sob as suas abobadas, um caudaloso rio se precipitasse em quedas vertiginosas. Há um século, nos invernos rigorosos, a água saía tanto que vinha até à boca da cisterna.

Dizem uns que tal objecto foi o mais célebre templo do gentilismo na *Luzitanea*, e são outros de parecer que se trata apenas de uma mesquita árabe, como as de Cordoba e de Granada, que tinha a sua entrada nobre pela velha Rua de S. Crispim, e sobre a qual, nos tempos do poderoso Rei Abderraman, se alicerceou a forte defesa da cidade mourisca.

Diz-nos Herculano que é preciso dar bastante desconto à narração. Também acho. Mas como quer que o seu informador insista que julga esta cisterna misteriosa «a fábrica mais digna de averiguações deste reino», eu também julgo que sim, porque não há fumo sem fogo e se tantas maravilhas lhe atribuíram há um século é possível que nem tudo seja fantasia e mentira.

Mãos à obra, pois. Ai fica, para os que tiverem tempo e amor por estas esculcas aventureiras, o meu subsídio para a identificação desta antiqüíssima maravilha da velha *urbis*.

Pode muito bem ser que a cisterna de há um século mais não seja do que a continuação daquelas termas dos irmãos Carsias, celeberrimos já pelas suas imponentes edificações ai pelo ano 49 A. C., em pleno poderio e domínio da Roma Imperial dos Cesares.

Como sabem, estas termas ficavam situadas nas imediações das Pedras Negras e da Madalena, um pouco abaixo, portanto, da suposta entrada da cisterna maravilhosa.

Ainda no largo da Madalena e no sitio onde existe hoje o prédio que faz esquina para a Travessa do Almada, existiu no ano 57 da nossa era um anfiteatro romano dedicado a Nero, descoberto em 1798. Antes disso, em 1771, tinham-se identificado as termas, que eram muito mais antigas, visto datarem, como já dissemos, do ano 79 antes de Cristo. Fixou-se mesmo o local certo da sua construção: ficavam no terreno ocupado hoje pelo Palácio Penafiel.

Construções romanas, de grande imponência, houve-as também nas Ruas dos Retroseiros e da Prata, outras havendo ainda para os lados da Rua do Arco do Limoeiro. Quem nos dirá, portanto, que esta cisterna maravilhosa do Castelo não tem ligação com tudo isto? Só averiguando. Só vendo primeiramente as dimensões da cisterna, o que é, o que são aquelas colunas de que nos fala «O Panorama», para onde dão as suas misteriosas escadarias, quais eram as suas entradas e saídas.

Isso já não é comigo, que para tanto não tenho tempo. O problema fica posto. Outros que o resolvam com melhor sciência e competência...

JOÃO PAULO FREIRE

Rua Ivens, 30 a 34 — Telef. 2 6064

A mendiga da Rua da Barroca

Uma carta reveladora—Miséria dos filhos por culpa dos pais—Testemunho vivo duma alma morta—Outrora carruagens e luxos, hoje fome e dôr

HÁ dias, ao chegar a casa, encontrei sobre a mesa onde estou a rabiscar, à pressa, este artigo uma carta sobrescrita com letra desconhecida. Era assinada por Luís Fernandes e nela existia uma revelação que feriu o meu instinto de observador. Convidava-me, o meu informador, a ir à Rua da Barroca para observar *de visu e de auditu* uma tragédia que arrastou para a triste senda da mendicância uma mulher que outrora conhecera o fausto



Uma mendiga que possuiu palácio, carruagem e creados de libré

duma vida endinheirada sem os cuidados do enigmático *dia de amanhã*.

Como já era tarde da noite resolvi adiar para a manhã seguinte a minha visita. Prometi a mim mesmo cumprir este dever de consciência, praticar este acto de humanidade, revelando ao público as torpezas duma família de degenerados que deixavam morrer ao abandono a pessoa por quem eram obrigados a manter os mais sagrados laços de amor.

UM CASAMENTO QUE COMEÇA BEM...

D. Felismina Correia casou em primeiras núpcias, há uns bons quarenta anos, com um proprietário no Minho. De certa distinção, vivia feliz com o marido, senhor de terras e casais, pessoa de vasta cultura, possuindo um curso superior e praticando a máxima fundamental da lei de Cristo: *Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam*.

Uma tuberculose, resultante da vida desregada que elle levava quando estudante, em Coimbra, rico e filho único, sem pai que o reprimisse e surdo aos conselhos da mãe, foi extingui-

do naquêlo corpo, possuidor duma alma nobre, a chama da existência. No fim de dois anos de casada, D. Felismina Correia envergava os crepes de viúva.

Os pais, não querendo que a filha estiolasse na tristeza da sua viuvez e para lhe proporcionarem os meios de distracção necessários ao seu estado de espírito, resolveram sair do Minho com destino a Lisboa.

Com a fortuna que a filha herdara por morte do marido, pagaram umas dívidas em aberto e alugaram casa na Avenida da Liberdade, como pessoas endinheiradas e que querem mostrar ao mundo a opulência dos seus capitais.

De quando em vez ofereciam umas festas sob o pretexto de distrair a filha inconsolável, mas cujo objecto era o de se relacionarem com as famílias nobres que então habitavam a côrte.

MEGALOMANIA DE PROVINCIANOS

Era assíduo frequentador das festas do palácio da avenida o Barão de Rabaçais, fidalgo arruinado e cuja nobreza consistia em arranjar dinheiro, fôsse porque processo fôsse, contanto que com elle pudesse sustentar a amante, uma bailarina que apparecera em S. Carlos numa companhia de ópera e com quem elle se amancebava.

Como os credores o ameaçavam já com o arresto para liquidação da dívida, o barão, certo dia, tivera com a amante uma conferência que se resumia num cerco à fortuna de D. Felismina. A psicopatia dos pais era, para elle, a escada de corda com que escalaria o palácio da avenida e a chave que havia de abrir os cofres peçados de dinheiro, as gavetas a abarrotar de joias. O dinheiro da esposa seria para sustentar a amante, com carruagem e assinatura no teatro onde ella conhecera o barão.

Começou o Barão de Rabaçais por fazer a côrte, primeiro aos pais de D. Felismina, exibindo aos olhares pascâcios destes os brazões duma fidalguia pôdre, enumerando-lhe—com grandes encômios—tôdos os ramos da árvore genealógica, que tivera comêço no reinado de Afonso Henriques e da qual elle era um bastardo e degenerado rebento, com as taras da mãe, uma vendedeira de fruta na Praça da Figueira.

Os pais de D. Felismina, ignorantes da hipocrisia da capital, medindo as pessoas tôdas pelo nível com que avaliavam os sinceros habitantes da sua aldeia minhota, tomaram como boas as palavras do barão e como certas as afirmações que o bandido fazia. Viram, portanto, nelle um óptimo partido para a filha viúva, um digno successor do defunto bacharel no lugar de genro, com a vantagem, ainda, de vêr um dia esculpidas nos portões das quintas da provincia as armas que o barão ostentava num anel, gravadas numa enorme ametista.

Tanto o barão rondonou, tanto disse que D. Felismina, querendo, mais por amor filial do que por inclinação própria, aceder aos rogos dos pais, decidiu-se a aceitar a côrte dum individuo que ella adivinhava um *escroc*, que ella supunha um verdadeiro.

Em segredo foi resolvido o casamento e, quando D. Felismina appareceu a primeira vez, só, na companhia do barão, as bôças mais abertamente auguraram mal daquela intimidade. Mal sabiam que só o divórcio os poderia separar.

Os primeiros tempos de casada com o barão

fôram para D. Felismina uma deliciosa lua de mel adoçada pelos carinhos e desvelos do marido, que por esta forma se ia insinuando no ânimo da esposa.

Depois, vieram os filhos, que fôram retirados, cêdo, ainda, do convívio da mãe para serem entregues aos cuidados duma ama e para não servirem de estôrvo aos maquiavêlicos planos do fidalgo degenerado.

A bailarina da companhia de ópera que tinha conquistado o pusilânime titular assediava-o com constantes exigências.

Os filhos, ao atingirem a idade da escola, fôram mandados para o estrangeiro. Nunca souberam



Um barão de fidalguia bastarda...

bem quem foi a mãe que os deu a este mundo. Eram visitados de longe a longe pelo barão, que se fazia acompanhar pela amante, na qualidade de prima, filha orfã dum rico fidalgo de Lisboa.

CRIME SOBRE CRIME

Entretanto, o barão queria ver-se livre da esposa como, por mercê do acaso, se vira livre dos sogros.

Ambos haviam morrido e D. Felismina, para o mundo, também tinha desaparecido. Os desgostos obrigavam-na a fechar-se meses e meses no palácio da avenida, recusando-se a chegar, sequer, à janela. Visitas, não as recebia. Era uma clausura rigorosa a que se tinha votado. Não lhe era dado conhecer os filhos que com tanto amor acalentara dentro de si e que esperava como refrigério para a sua vida atribulada do sacrificio pelos pais. Tinha sido uma mártir. Esperava pelos filhos como a única redenção, neste mundo, para os seus tormentos. Os filhos nunca chegavam, se bem que marido lhe promettesse que os mandaria regressar dentro em breve.

A bailarina queria o amante completamente livre, absolutamente seu, sem preconceitos que o afastassem da sua companhia. E novas maquinações começaram para fazer desaparecer o pesadêlo de D. Felismina. O divórcio? Seria escandaloso. Optaram, depois de muito reflectirem, pela interdição. Conseguiriam por um pro-

(Conclui na pag. 14)

A mais repugnante das indústrias Caridade infernal

Como e quem fabrica "nú" pseudo-artístico—Num "atelier" de "fotos" proibidas, em Berlim—O grande negócio—A filha dos húngaros—O abade Levrieux e os jornais galantes—Os industriais portugueses—O episódio do pudor britânico

Uma "piedosa" enfermeira, invadindo um lar pacato onde a doença assentou arraias, ameaça um entrevado com as penas do Inferno e vexa uma senhora casada com insultos de mau gosto

HÁ quatro anos, estando em Berlim, quise visitar os famosos *studios* cinematográficos alemães — os maiores da Europa e do mundo — a seguir aos de Hollywood. Uma jornalista da especialidade a quem o nosso amigo, Dr. Hymans, da «Ullstein» nos recomendara — deu-nos uma carta para o director da «Efa» — e aconselhou-nos a não perder tempo... Eram 8 horas da manhã — e em Maio, Berlim, na primavera, latiniza-se em belezas meridionais. As acácias de Unterden Linden estavam todas canceradas. Tomámos um «taxi» e fomos ao *chauffeur* o endereço dactilografado no envelope: Kentstrasse, 44...

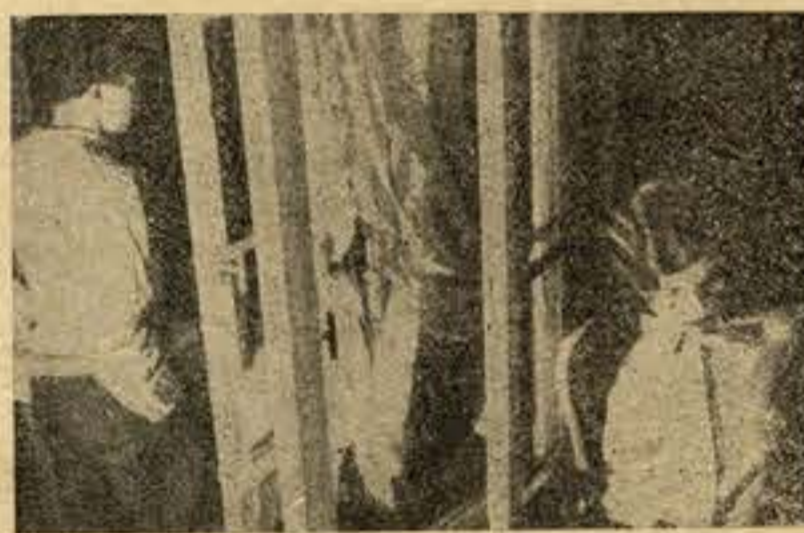
Postdam... Kurfurstendam... A nossa fantasia, picados pela descrição dos *studios* berlineses, ia aguando de impaciência, visionando ruas de cartões, cidades scenográficas, oceanos artificiais e outras maravilhosas criações da cinematografia germânica. Súbito, sofremos não uma desilusão — mas uma crise de impaciência no convencimento de que o motorista se enganara, fazendo-nos perder tempo... O «auto» parara, e o edifício que se oferecia ao nosso olhar — burguês, vulgar, com sete andares banais e gémeos a todos os prédios vizinhos, não podia ser, de forma alguma, o involucre do paraíso imenso dos *studios* da «Efa Film»...

Rapidamente vimos a nossa injustiça... A porta do edifício estava de facto encimada pelo n.º 44. Entrámos, meio desapontados. Interrogámos a porteira que dificilmente nos compreendia, repetindo, aparvalhada: «Was? Kinema? Kinema? Was?» Depois, numa inesperada inspiração e exclamando: «Ah! Photograph! Ya! Ya!», conduziu-nos até ao ascensor e comosco se fechou na *cabine*. À medida que trepávamos os andares — mais se dilatava o nosso atontamento. Era lá possível que a «Efa-Film» estivesse instalada naquele prédio, e que os scenários monumentais dos seus *films* fossem montados em qualquer daqueles andares burgueses — no 5.º, no 6.º, ou... nas águas-furtadas?... E foi precisamente nas águas-furtadas que o elevador estacou e que a velha porteira, fazendo-nos sair, nos apontou para uma porta estreita, estrangulada, gatafuhnada a lápis como os muros portugueses em que os garotos se exercitam, a carvão, em desenho. Sem percebermos coisa alguma do que nos sucedia — puchámos maquinalmente o cordão da campainha. A porta abriu-se; nós entrámos... Entrámos — e o nosso primeiro movimento foi de fugirmos — impossível de realizar porque a porta se fechara nas nossas costas.

Eram quatro ou cinco cubículos vesgos, com os tectos em rebaixo, com todo o aspecto de sucessivos e pequenos *ateliers* de fotógrafo. Em todos eles havia máquinas de fotógrafo; e em redor delas, de pé, parados ou passeando, sentados e espalhados pelos *divans* ordinários, estavam uns vinte indivíduos de ambos os sexos — abundando os do sexo chamado fraco pelos cronistas. Não era esta razão suficiente para explicar o nosso recuo astustado... Mas é que na sua grande maioria, os indivíduos de ambos os sexos — sobretudo o do sexo feminino — exibiam-se como se o Paraíso de Adão e Eva se tivesse mudado para aquelas águas-furtadas. *Elas* — algumas, mocinhas ainda; outras já no princípio da decadência; mas todas apresentando um helenismo quasi puro nas formas plásticas — tinham colocado uns chales

ou casacos sobre os ombros nus; e silenciosas, e muitas com um ar de melancólico e triste aborrecimento, pareciam operárias... *vestidas*, aguardando a hora de entrarem nas oficinas. *Eles* dividiam-se em duas categorias: a dos nus — tipos suspeitos, de tarados na miséria, rostos cansados, gastos, doentios — tinha barbas postiças, ou bigoditos mal colados aos lábios rapados, e igualmente defendiam do frio a nudez repugnante, cobrindo os ombros ossudos com os casacos ou sobretudos; e os outros, os vestidos, ares de patrões ferozes, mais repugnantes do que os primeiros, mal encarados, em cólera permanente, dando ordens que soavam a chicotadas...

Estavam todos tão obcecados com o seu trabalho — ou com o seu descanso — que a



Havia homens e mulheres, acantoados pela mansarda; com ar triste, uns, atontado, outros

minha entrada não fora notada... Dum relance e logo no primeiro minuto de serenidade compreendi a significação de aquilo... Caira, por um acaso, numa fábrica de fotografias de nú — daquelas que a Alemanha exporta para todo o mundo e que os velhos sátiros, babados por um sensualismo tórpe, compram sófregamente...

Um dos chefes vestidos berrara uma frase e logo todos aqueles desgraçados de ambos os sexos se agruparam, humildes, servis, sujeitando-se ao ensaio de tão vil *mise-en-scène* enquanto os operadores preparavam as máquinas para as fotografias. Foi nessa altura que um dos *ensaiadores* deu comosco. Franziu o sobrolho ameaçador; e sem escutar as explicações com que nos defendíamos — pôs-nos quasi violentamente no patamar, fechando com estrépito a porta gatafuhnada a lápis com bonecos menos ascosos do que as scenas que lá dentro se desenhavam com pobres e escravizados corpos humanos...

Pouco depois estava desfeito o equívoco. Um simples erro de endereço. O monumental *studio* da «Efa-Film» estava instalado no início de *Kentstrasse*, ao lado do famoso Jardim Zoológico de Berlim — no n.º 4. A dactilógrafa, ao teclar a direcção no envelope, repetira o mesmo algarismo — e daí o termos ido parar ao *atelier* dos nus de exportação...

Alguem a quem desabafámos mais tarde esta aventura e que — ignoramos porque motivo — está ao corrente desta ignominiosa indústria, contou-nos:

— Durante muitos anos foi a França o país especialista deste negócio. Ainda hoje se v.

passar os olhos pelos anúncios de certos jornais, como *Vie Parisienne* e outros, encontrará 20, 30, 40 réclamos de firmas exclusivamente dedicadas a este comércio. Contudo, a França, hoje em dia, pouco ou nada fabrica. É a Alemanha o grande, o maior mercado do mundo, na produção de todo o género de nus. Recordar-se V. do abade francês Levrieux que já foi julgado três vezes porque, passando pelos *boulevards* de Paris e vendo expostos nos quiosques dezenas de jornais com nus... ultra eloquentes os rasgou, numa colera cristã de quem expulsa os mercadores do Templo? Pois bem: num desses julgamentos declarou-se (e sem exagero) que em França, não falando das grandes revistas galantes como a já citada *Vie Parisienne*, nem na *Sans-Gêne*, *Sourire*, etc., se publicam cento e oito jornais que exploram desde a galanteria disfarçada em nus artísticos até à pornografia fotográfica capaz de repugnar o mais blindado dos imorales. Mas... a fonte donde esses jornais recolhem a sua matéria prima é... a Alemanha.

«A casa que V. visitou por acaso — concluiu pela morada — é a de Bruntzer & C., uns húngaros expulsos do seu país por tráfico de brancas. Em 1920, quando vieram instalar-se em Berlim, até a máquina fotográfica foi adquirida a prestações, tão aflitiva era a sua situação financeira. Hoje em dia são riquíssimos. O negócio rende... Ao princípio, como não tinham capital, utilizavam como modelos para as suas «fotos»... as próprias esposas e a filha de um déles, uma pobre criança de 16 anos, que se suicidou para se libertar da tirania do pai e dos tios que a obrigavam... a essa prostituição do pudor do seu corpo... Eles raramente aceitavam os modelos que nada têm a perder. Esses, ou são de *vevettes* de *music-hall* que lhes exigiriam uma fortuna para se exibirem, ou são modelos de pintores, e igualmente caros, ou então, sendo baratos, não servem porque os seus corpos, gastos pela mais horrível das degradações, perderam já todos os encantos. Nestas condições buscamos (e isto é que representa o maior cinismo desses cavalheiros) mulheres honestas, velhas e novas, a quem a fatalidade desemprega de trabalhos honestos e que apertadas pela miséria, tendo às vezes filhos ou pais a sustentar, preferem, entre os dois horrores — o horror da galanteria do *trottoir* e o da exibição da sua nudez —, o menos doloroso. Sabe V. quanto pagam eles por todo um dia de poses fotográficas a cada uma das suas escravas? Cinco marcos...

«A mais importante de todas essas fábricas está em Leipzig: é a *Art-Nuddis-Atelier*... Chega a reunir cem e cento e cinquenta modelos nos seus imensos *ateliers*. A sua exportação alcança uma média de vinte a trinta mil «fotos» por semana. Cada «foto» rende-lhes, em média, dez *pfennings*, depois de pagas todas as despesas. Faça V. a conta e veja se esses miseráveis podem ou não podem estar ricos...»

Portugal, que não é nem nunca foi um país industrial, neste terreno não quis ficar atrás. Também tem produzido, em certa abundância, deste género de «fotos». Um dos produtores mais activos do género foi o sr. Cardoso Santana, que teve o seu *atelier* clandestino no Alto do Pina e que ultimamente, pelo desenvolvimento do negócio, o instalou nas proximidades da Rua

de Buenos Aires, num rés-do-chão vasto e de bom aspecto, onde reunia os seus modelos, recrutados um pouco em toda a parte, até nas classes burguesas, e onde a polícia, segundo nos informam, o foi buscar há dois anos. Ignoramos se foi ou não condenado. Sabemos apenas que actualmente se encontra no Brasil, exercendo a mesma indústria.

Um outro industrial de «nú pseudo-artístico» foi um antigo *croupier* e fotógrafo — o sr. A. — que igualmente emigrou para o Brasil. Este cavalheiro levava o cinismo a tal extremo que não ocultava a ninguém o segredo das suas abundantes receitas. Sendo casado e tendo filhos, era no próprio lar que ele realizava as *sessões* fotográficas.

— Com uma média de três dias de trabalho por mês, durante os quais não gasto mais de duzentos escudos — confessava ele a quem o queria ouvir —, obtenho *clichés* que depois me rendem um, dois e três contos. De todos os cantos da província me vêm pedidos. Tenho fregueses fixos, que me compram todas as novidades que eu lhes enviar... A única dificuldade do negócio está nos modelos... Alguns são *piegas* e preciso quasi *bater-lhes* para os *obrigar a trabalhar*...

Que miserável!
Este industrial teve, há anos, uma loja minúscula, para as bandas do Cais do Sodré. Sob o disfarce de tabacaria, era ali que ele distribuía a sua mercadoria aos revendedores e aos estrangeiros que desembarcavam. Um dia, contou ele a um amigo, dois ingleses, turistas, entraram juntos na loja para comprar tabaco. Com as devidas cautelas — assim como quem não quer a coisa —, abriu uma gaveta para lhes mostrar as colecções das suas «fotos». Ambos os estrangeiros franziram o sobrolho e, com ar de repugnados e depois de terem soltado um insulto, debandaram sem sequer pegarem nos cigarros que tinham pedido. Dez minutos depois reapareceu um deles — sózinho — e sorridente pediu, em segredo, para ver as «fotos», das quais comprou um bom masso. Mal este saiu — surgiu o companheiro — também sózinho —, repetindo-se a scena sem a variante de um detalhe... Se não houvesse compradores, não haveria miseráveis que se dedicassem ao negócio de lhes saciar as taras...

Z...

NOVELA POLICIAL

Director: REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

PUBLICA-SE SEMANALMENTE

O «rápido» da manhã estava prestes a partir. Através da vidraça da janela da carruagem espreitávamos o afan dos retardatários e as despedidas dos que ficavam na *gare* do Rossio a invejar os prazeres que os viajantes, por muito curta que a viagem seja, sempre disfrutam.

De súbito, ali perto, uma voz doce, fresca como o murmúrio de um ribeiro entre seixos polidos, murmurou em francês:

— *Pardon, Monsieur...*

Era uma senhora, muito nova, luto rigoroso, um casaco amplo até aos pés, e a emergir da negrura das vestes uma face gentil, redonda, pele assetinada, de grandes olhos escuros, scismadores, espreitando sob a aba de um chapéu de feltro preto. Vinha ajogada de grandes malas e a nossa presença no corredor estorvava-lhe a passagem. Delicados, apressámo-nos



a tirar-lhe das mãos pequeninas as malas que pesavam mais do que o nosso dinheiro e empilhámos-las na rede, onde ficaram em perigoso equilíbrio, ameaçando despenharem-se sobre a cabeça dos passageiros.

— *Merci* — murmurou a rapariga. E voltou à porta da carruagem onde recebeu das mãos de duas criadas velhas — tipo de reliquias de família austera — mais malas pesadas, que nós arrumámos também o melhor possível sobre a rede frágil.

O empregado deu a hora da partida, num grito prolongado, e de um grupo de mulheres de luto que, em baixo na *gare*, cochichava a medo, surdiu uma senhora idosa, alta, cheia, gordura imponente, que se guiou a custo até ao interior da carruagem e veio, à vidraça, com o comboio já em movimento, fazer adeus às velhas que ficavam.

Depois mergulhámos no túnel. A velha instalou-se a um canto junto da janela, a jovem sentou-se na sua frente e nós, de perto, examinámos-las. Ambas pareciam ter caído em sono profundo. Os olhos cerrados, a cabeça reclinada sobre o estôfo do banco, permaneciam numa quietude absoluta. Apenas os lábios de ambas se agitavam. As mãos cruzadas e ocultas nas amplas mangas dos casacos negros mexiam de quando em quando, produzindo um ruído de entrecchoque de pedras pequeninas. Compreendemos: os seus lábios murmuravam rezas e os seus dedos passavam as contas de rosários.

Só por alturas de Vila Franca, a mais velha

soltou um suspiro como se acordasse, espreitou o Tejo e, depois de trocar, baixinho, com a sua jovem companheira, que a fitava receosa e submissa algumas palavras em francês, sacou da algibeira do casaco profundo como um alforge um livro de capa branca e letras vermelhas, abriu-o a meio e pôs-se a lê com atenção. Era uma edição francesa da vida de Santa Terezinha de Jesus. A rapariga olhava a paisagem, que parecia interessar-lhe muito, mas surpreendi várias vezes os seus olhos, os seus lindos olhos escuros, inteligentes, tentadores, a espreitarem-me furtivamente.

Já nos só os três na carruagem. Não nos conhecíamos, não trocámos uma palavra. Mas naquele silêncio embalado pela cantilena mecânica da rodagem pairavam pensamentos como nuvem pesada que se sente mas não se vê. A velha lia. A rapariga pensava. Em que pensaria ela? Em nós, sim, em nós, bem o adivinhámos através dos seus olhos. Ela pressentia também que o nosso pensamento ia fixo nela. Era verdade: pensávamos no seu destino — um destino que adivinhávamos, que calculávamos com tanta certeza como se a conhecessemos, como se soubessemos até aos mínimos pormenores a sua vida íntima. Ela, a linda jovem de olhos negros, tentadores, ia para um convento, acompanhada pela superiora, a velha gorda de face severa e nariz adunco, que suportava uns olhos de aros de latão.

E pensámos, com assombro, com uma infinita ternura e maior respeito, no sacrifício daquela juventude que uma obcecação mística escravizara e arredara da vida plena, das angústias e deleites indescrevíveis do amor, da maternidade. Pensámos que, apesar da nossa razão condenar esse sacrifício, essa mutilação de uma vida cheia de belezas latentes que no convento secariam, justo era que nós, homens, rendessemos homenagem a aquele espírito votado às coisas divinas, ao Supremo Bem, por bem da humanidade pecadora. Nós, pecadores, reconhecendo a inutilidade do sacrifício daquela mocidade por uma hipotética e duvidosa redenção das nossas culpas, olhando-a assim tão linda e tão sincera, agradecemos-lhe intimamente o bem que ela queria fazer por nós.

Já longe de Lisboa, para lá do Entroncamento a velha disse-lhe qualquer coisa e ela, meiga e tímida, apenas muito vivos e scintilantes os seus olhos escuros, respondeu:

— *Oui, ma Mère.*

Mas a expressão, o sentimento que notámos naquele *ma Mère* não era o da ternura filial, mas o respeito por uma superiora, uma mãe que o espírito acatou e a carne talvez repelisse. Saímos em Alfarelos. Antes de abandonarmos a carruagem, saudámos-las:

— Boa tarde. Boa viagem...

Apenas a voz da mais nova respondeu em português de sotaque lisboeta:

— Bôa tarde. Muito obrigado...

Era uma portuguesa que ia professor em qualquer convento estrangeiro.

UM TRISTE CONTRASTE

Este episódio, que deixou no nosso coração de ateu impressa uma terna lembrança, uma doce sensação; este encontro de viagem que

(Conclui na pag. 15)

Os mistérios da Lisboa cosmopolita



A vida cosmopolita de Lisboa tem uma importância muito superior à da sua aparência. Da ausência completa de uma indústria moderna de turismo que explorasse os valores naturais do país; da falta de atractivos civilizados que ofereçam às caravanas errantes e babélicas as mesmas distrações e comodidades fôfas e luminosas das grandes capitais — como Madrid já o é hoje — resulta que o cosmopolitismo lisboeta não luza, não brilhe, não marque, não deixe vestígios na vida citadina nem sequer os monetários porque essa vida não dispõe de pretextos que obriguem os estrangeiros a desembolsarem parte dos seus orçamentos de regabofe... De facto, raro é o dia em que a multidão ensonada das ruas lisboetas não esteja, papalva, ante o desfile

de uma longa serpente de «autos» povoados por gente estranha, loira e vermelha, «madonas» dos transatlânticos e «misses» girafescas, cavaleiros de calção e meias altas de golf e bebês agigantados, de «kodak» a tiracolo... Essas tribus arrebanhadas todos os dias, e mesmo várias vezes por dia, à saída dos grandes barcos que ancoram no Tejo, pelos cicrones da Cook e das outras agências, dão duas voltas à cidade, chocalham as vísceras nas estradas dos subúrbios, almoçam em Sintra ou no Estoril, esviam garrafas do Porto, jantam no «Tavares», dançam no «Maxim's» ou no «Bristol»; uma ou outra, vai até ao Buçaco — e esgotado este modestíssimo programa de turismo dogmático, recolhem a bordo, como vieram — quasi sem serem notados, quasi sem terem excitado o movimento económico da cidade. E contudo a população fixa de estrangeiros em Lisboa acerca-se de vinte e oito mil indivíduos (18.000 espanhóis; 3.000 ingleses; 2.000 franceses; 1.500 alemães; 1.500 sul-americanos (incluindo brasileiros); 300 italianos; 200 norte-americanos; 250 polacos, russos, escandinavos, etc.); e calculam-se no mesmo número os estrangeiros que todos os meses passam pelo Tejo... Uma população fluante, diária, de mil cosmopolitas seria bastante para que a capital oferecesse um aspecto muito mais intensamente civilizado e moderno e para que a indústria do turismo se desenvolvesse...

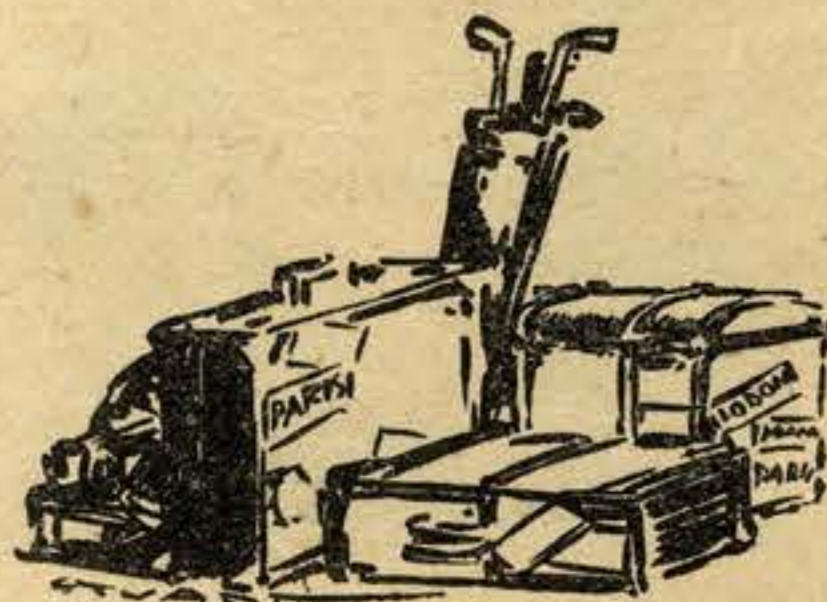
Mas precisamente porque existe uma grande vida cosmopolita em Lisboa e que essa vida se apaga, se dilui, se silencia, é que o nosso cosmopolitismo envereda pelos palcos novelescos, característicos, palpantes de interesse e de imprevisível e, por vezes, vibrantes de emoção. As massas babélicas que vêm a Lisboa não têm os mesmos objectivos, não pertencem à mesma multidão, não se compõem dos mesmos indivíduos, não arrastam as mesmas passadas das que se cruzam pelos mais famosos centros cosmopolitas — bem iluminados, melhor preparados, mais vigiados do que os nossos... Os mistérios da vida cosmopolita de Lisboa — podiam dar um volume... Limitar-me-ei a arrancar-lhe, ao acaso, alguns episódios, para uma reportagem...

OS «ÇAÇA-BIFES»

Durante muitos anos, devido talvez à minha especialização profissional, tive a meu cargo todo o serviço de reportagem a bordo dos transatlânticos que passam no Tejo. Durante este período da minha carreira, quantas centenas

de entrevistas não realizei, quantos presidentes de republicas de *là bas*, quantos «azes», «vedettes», «stars» de todos os campos, artistas de teatro, virtuosos de pintura e de música, políticos célebres, diplomatas famosos, de todos os continentes, não conheci!? Mas também com quantos pequenos dramas, com quantas grandes tragédias, com quantos perturbantes enigmas não me defrontei?

Como raro era o dia em que não avistasse da Barra uma, duas e mais dessas Babilônias flutuantes, rara era a madrugada em que o meu despertador não me alarmava, quando ainda o sol não era senão uma vaga pincelada vermelha a reflectir-se nos telhados mais altos. Chegava ao Cais do Sodré, quando a cidade se espreguiçava ainda. O camarada fotógrafo já me aguardava, firme no seu posto. Pouco a pouco começavam a surgir, a agrupar-se, os «çaça-bifes». Os se-



nhores não conhecem o termo — nem admira... Todos os grandes portos possuem a sua população de anfíbios, homens de terra e mar, que vivem dos navios mas que nunca ou quasi nunca viajam. Essas populações, que são gémeas, em Londres e em Liverpool, em Hamburgo e em Marselha, em Barcelona e em Lisboa, dispõem dum idioma comum, internacional, que os torna políglotas — políglotas dos calões de todas as línguas. Nessa gira universal dos cais, os «çaça-bifes» são os que trepam à tolda dos transatlânticos, mal estes ancoram, e oferecem os mais variados serviços e bugingangas aos passageiros — desde a troca de moedas até aos *souvenirs* mais fantásticos; desde as informações secretas até... aos mais inverosímeis préstimos...

Todos os «çaça-bifes» do Tejo conheciam-me; e à força de me verem na sua caravana, na hora do assalto a bordo, esqueciam-se do meu *métier* e tomavam-me, *sub-conscientemente*, por um «çaça-bifes» mais, um «çaça-bifes» como eles... Quantas vezes, à saída, um vendedor de postais ou um cambista ambulante que me surpreendia entrevistando vários viajantes ilustres me lançava uma piscadela intencional, como se me dissesse: «Então... fizeste bom negócio? O meu não foi mau de todo...» Para eles, eu, «çaça-bifes» especial, mercadejava entrevistas como eles flores ou fotografias

O mais velho mistério da Lisboa cosmopolita

que registei na minha memória refere-se precisamente a um «çaça-bifes»...

UM «MANTON» DE MANILLA

Foi logo a seguir ao armistício. Não me recordo bem do nome do barco... Creio que era o «Arlanza»... Tenho a certeza de que pertencia a uma companhia inglesa...

Entre os «çaça-bifes» habituais existia um casal que me merecera, desde o início das minhas reportagens a bordo, certa simpatia... Casal, disse... De facto eram de sexo diferente — mas o laço que os unia não era o matrimonial. Pai e filha. Ele, um Hercules, tisonado e sangüíneo, com os punhos tatuados, e que percorrera meio mundo na sua juventude. Ela teria quinze anos, se tanto — bem formada de carnes, precocemente mulher, rica de curvas suaves e com uns olhos pestanudos e rebrilhantes... Eu tinha 18 anos então... O pai, com uma bolsa a tiracolo, cambiava moedas; a filha vendia rendas, chales andaluzes e «mantons» de Manilla... Ganhavam bem a existência, davam-se bem e ele vivia-a, avaro, por experiência e por honradez... Naquela manhã, enquanto o pai apregoava o seu negócio, a filha preparava-se para fazer o estendal num recanto da tolda... Reparei então que pai e filha, dirigindo-se a alguém que eu ainda não vira, o saudavam alegremente, mas mais a filha do que o pai... Não sei que sentimento oculto me tornou curioso nesse momento... Quis vêr quem era... Da porta do «bar» surdiu então um rapaz novo, dum elegância estilizada, boa aparência, mas pálido, olheirente, o rôsto crispado numa expressão invencível de angústia... Eles — pai e filha — estranharam-no, falando no seu algaraviado calão de inglês e calão português, o que me provou que não era aquela a expressão habitual do môço... Evocaram outras viagens em que, pelo visto, o rapaz fôra bom freguês, deixando-lhes vivas e amáveis recordações... Mas desta vez ele mal os escutava, inquieto, olhando para todos os lados... Súbito, as suas faces pálidas afoquearam-se... Segui-lhe o olhar... Acabava de abordar um «gasolina»... No «gasolina» vinha o agente Baldy Belem e um tenente que então chefiava uma das brigadas de contra-espionagem... O que se passou depois, difícil é de se descrever... O jovem fitava-me de modo tal que entendi que devia afastar-me... para ponto onde observasse sem ser notado. Ele então, pegando simultaneamente numa das mãos da mocinha e noutra do pai, falou-lhes, ofegante, aflitivamente... O pai hesitava, abanando a cabeça... A filha, que empalidera de súbito também, pelo contrário, dizia repetidamente «que sim», «que sim»... Ele desapareceu e voltou pouco depois... O que trazia oculto, não vi... Vi, sim, que o passara para as mãos da pequena, que logo numa azáfama organizou o seu estendal, ocultando algo sob os chales sevilhanos e os «mantons» de Manilla... Neste instante aproximara-se o agente Baldy, um dos mais cultos e inteligentes «detectives» da nossa polícia, acompanhado do comissário de bordo. Rápido diálogo com o jovem estrangeiro e os

três desceram as escadas alcatifadas que conduziam aos beliches. Entretanto, pai e filha, disfarçando a sua emoção, assaltavam os viajantes, ofereciam-lhe os seus artigos, regateavam, mais ruídosos, exuberantes do que nunca... Meia hora depois, reaparecia o agente. Como quem não quer a coisa procurei informar-me da sua missão. Silêncio profundo! Nada me disse... E como neste momento aparecia o seu chefe, apenas lhes escutei algumas frases dialogadas: — Deve haver engano, ou o cavalheiro arranjou quem lhe escondesse tudo

— Não encontrou nada? — Asolutamente nada! E, segundo nos afirmou o comissário, ele não tem amigos a bordo, é um solitário. Não temos uma só pista que nos leve a um cúmplice que tivesse guardado o que procuramos... — E a ordem não chegou ainda... — E que chegue, já não vem a tempo. O navio levanta ferro dentro de meia hora. Se lhe tivéssemos apanhado... as provas, não fazia falta a ordem. Assim, que remédio senão deixá-lo partir... E como vai para a America, é perder as esperanças...

Afastaram-se. Eu entrevistei à pressa o Dr. Diego Romano, ministro do Mexico, exilado, que fôra o objectivo da minha ida a bordo. Pouco depois, ressurgia o jovem estrangeiro. Circunvagou a vista e tranqüilizado dirigiu-se à mocinha. Esta teve um ligeiro gesto de impaciência, e em vez de responder ou fazer o que ele pedia, fingiu aborjá-lo como a um cliente: «Compre-me este «souvenir», são só cem escudos! Vale o dôbro.» O jovem olhou-a esgazeadamente, sem a compreender ou talvez movido por uma suspeita — a suspeita de uma traição... Insistiu, a meia voz, e ela não mudou de atitude... O mêdo de ser traído... de não receber o que lhe confiara, alarmava cada vez mais o jovem misterioso... Soaram os sinais da partida... Eu não quis abandonar o barco



sem assistir ao desenlace... Súbito, quando ele ia, talvez, ser brutal — e injusto — ela contraiu o rôsto galante numa tal expressão de energia que o paralizou... Era tempo, porque nesse momento reaparecia o agente Baldy. Baldy, hábil e experimentado, ocultara-se a bordo sem o perder de vista, até ao último instante. O jovem compreendeu tudo... e comprou um «manton»... Baldy perdera as últimas esperanças e

partiu... E só quando o «gasolina» se afastou em direcção ao Cais do Sodré, é que eu vi a pequena, num gesto de prestidigitação, retirar do seu estendal um pequeno cofre que restituiu ao jovem...

Durante muitos anos não tornei a vêr nem o pai nem a filha. Em 1925, de regresso de uma viagem, surpreendi-me ao constatar que eram meus companheiros de bordo... Mas que metamorfose... Os dedos do pai e as orelhas da filha refulgiam, de enjoiados. E *chics!* Janotas mesmo! Sorte grande? Retirada feliz? Gratidão daquele jovem? Nunca soube... Só uma vez, há pouco tempo, conversando com aquele «detective» à mesa de um café e recordando este episódio, ele me disse: «Não me lembro bem... Fiz tantos serviços desse género, durante a guerra! Mas se não estou em erro tratava-se de um jovem dinamarquês, um «az» da espionagem que fugiu de Inglaterra com o produto de cinco anos de bisbilhote ilegal — uns milhares de libras — e alguns documentos graves para a «Intelligence Service»...

O PRESIDENTE ALESSANDRI

A política do Chile, dessa republica novarica da America do Sul, não oferece grande interesse ao público português... Contudo a questão do presidente Alessandri teve a sua época na nossa imprensa. Alessandri, «el leon de Garuil» fôra vencido por uma revolução conser-

esquivar-me a um sorriso de ironia, comparando a recepção daquela noite — o regresso triunfal — à que lhe tinha feito na vinda para o exílio. Nesta, só duas ou três pessoas o tinham ido cumprimentar. Naquela estava o presidente cercado por dezenas... de amigos... A Humanidade é igual em toda a parte.

Não querendo interromper a conversa em que Alessandri se submergira, assentei-me e esperei, observando o que se desenrolava à minha volta. Entre o comissário e o representante da agência travou-se um diálogo azedo. Tratava-se de uma passageira para Santiago do Chile que queria tomar o seu beliche naquela mesma noite. O comissário, que não estava para incômodos, protestava:

— O navio só levanta ferro amanhã ao cair da tarde. Essa senhora tinha tempo amanhã... Para quê, maçar-nos a esta hora da noite?

— Que quer V.? É uma caprichosa que chegou do Chile ante-ontem... Atravessou o Atlântico só para estar em Lisboa 36 horas... Olhe — ela aí vem...

Apareceu então, seguida por dois carregadores ajudados de malas, uma mulher estranha, *made-in* —...transatlântico, loira, de um loiro falso; maquilhada aos berros de tinta, olhos pisados, belos e ao mesmo tempo gastos, magra, elegante, vistosa, irradiando não sei que fluido assustador... Mal entrou no salão e viu Alessandri, as suas íris verdes não se desfitaram do presidente, indiferente às perguntas e comentários do comissário. Este, farto de pregar sem ser ouvido, encolheu os ombros e partiu com os carregadores e com o agente. Ela ficou no salão, com os dedos enclavinhados no saco de mão... Súbito, estremecendo como numa repentina resolução, safu da sala. Segui-a. Entrou no escritório e abançou a uma mesa, escrevendo em papel de luxo. Fiquei a espreitá-la, de entre portas. Um espelho denunciou-me. Ela rasgou a folha apenas iniciada, e num gesto de irritação regressou à sala. Peguei nos pedaços de papel e compus o *puzzle* do que ela rabiscara numa caligrafia nervosa e esguia. Dizia apenas isto: «*Mi querido Paco: Ya lo tengo! El no llegarà a Chile te lo juro por Dios! Tengo el valor necesario para hacer lo que sabes y*»

A suspeita, nascida espontaneamente mal vira aquela mulher, acentuara-se com a leitura daquelas linhas. Reparei então que, na pressa de se afastar de mim, ela esquecera o saco... O coração pulou-me dentro do peito. Senti a tentação de... Não pude conter-me... Abri o saco... Tinha apenas um retrato de homem, sem escudória, e uma pequena pistola e dois carregadores... Nunca fui tão ágil na minha vida. Retirei da pistola o carregador, juntei-o aos outros, embolsei-os, fechei o saco, e parti. Cruzei-me com ela no corredor... Ela estava inquieta, buscando algo... — buscando o saco de mão... Neste momento o grupo de Alessandri levava-o para o rebocador... Alessandri passaria a noite em terra. Agreguei-me a ele, e parti também... Vi-a ainda, nervosa, aflita, si-randando de um lado para o outro... Não encontrara o saco, ou talvez desse já pela falta das balas... Durante a travessia atirei-as ao Tejo...

Seria uma da manhã quando desembarcámos. No Terreiro do Paço, um indivíduo desconhecido aguardava impacientemente ou um barco que o levasse ao transatlântico ou que Alessandri viesse a terra... Queria mostrar-lhe um telegrama urgente — um telegrama que recebera do Chile... O telegrama foi lido em voz alta... Confirmava as minhas suspeitas. Alessandri encolheu os ombros. Disse-lhe um segredo — e ele sorriu-se. E que eu saiba, já lá vão cinco anos — e goza de admirável saúde...

A MALA... SUÍCIDA

Um último episódio, dos muitos que me aco-dem sobre os mistérios da Lisboa cosmopolita. Em 1927 ancorou no Tejo um barco alemão, — Stela — com 300 excursionistas estrangeiros vindos de Hamburgo. Sintra, Estoril, Buçaco...

(Conclui na pag. 14)

A negociata

CONSERVO da minha infância recordações soltas, desarticuladas, que só agora depois de adulto adquirem uma nítida significação. Essas recordações flutuam-me, de quando em quando, no cérebro como nuvens ténues e leves no horizonte azul de um dia de primavera.

De entre essas lembranças de outrora, algumas há que, depois de muito tempo de ausência, regressam ao meu pensamento como pombas brancas ao seu pombal. Uma das que mais insistentemente me visita é aquela que nasceu de um episódio a que assistiram os meus olhos cândidos de menino, há muitos anos, por uma manhã luminosa, junto da muralha do Terreiro do Paço. Eu fôra ali levado, nessa manhã, pela mão de meu pai. A minha predilecção de criança eram os barcos, as velas batidas pelo vento, os vãos airosos das gaivotas riscando de branco o azul do céu, as ondas verdes e meigas do Tejo, embalando ali junto do cais fragatas bojudas e preguiçosas — e meu pai, que tivera também a paixão das coisas marítimas, depois de ter levado o melhor da sua vida sobre as águas do mar, em viagens aventureiras, em demanda de novos continentes, sempre que podia, proporcionava-me, para me divertir e para se deleitar, espectáculos daquela natureza.

Foi ali, naquêlê Cais das Colunas, de cantaria a alvejar ao sol, que eu assisti a um episódio triste que me volta ao pensamento sempre que ouço falar de emigração. Há quantos anos isto lá vai! Quantas vezes o mesmo espectáculo se repetiu na minha presença! Mas é sempre o primeiro, o que eu vi em pequenino pela mão carinhosa de meu pai, que ressuscita dolorosamente do fundo da minha alma.

Ao longe, a meio do rio, cercado por um labirinto de mastros de fragatas, estacionava um grande paquete bojudo, uma corôa de fumo saído de largos canos amarelos a anunciar a próxima partida. E no Cais das Colunas, por entre a confusão de malas de cores garridas, sacos de ramagens berrantes e cadeiras de lona para as longas sestas da viagem aborrecida, agitava-se uma multidão ruidosa composta de mulheres trajadas à provinciana, homens de chapéu desabado e cinta vermelha e crianças, umas arastadas pela mão, emparvecidas por tudo o que em redor se passava, outras chorando ao colo e outras ainda abrindo para o fundo duma grande fragata, onde pessoas e coisas se iam acumulando à pressa e de roldão, uns grandes olhos assombrados e inocentes. Erguiam-se na atmosfera límpida e fresca da manhã, num côro allitivo, choros desesperados que uma ou outra exclamação mais animosa cortava: «Ó Zé, traze-me de lá um pagaio!» ou ainda: «Não te esqueças de me mandares um panamá!». Mas o côro angustiado dos que partiam e dos que ficavam abafava estas frases aparente-

mente alegres, que pretendiam encobrir as lágrimas que saltavam dos olhos num impulso irresistível.

Ao longe, do alto do transatlântico, subiu um jacto branco de vapor que

braram os choros de intensidade, os fragateiros gritaram chamando pelos retardatários, e um rebocador airoso e pequenino como um brinquedo, cheio de cavalheiros importantes e bem traja-



PARA A FRANÇA NECESSITA-SE

Pedreiros, Carpinteiros, Ferreiros, Serralheiros, Lavradores.

A todas éstas classes, pagam por hora 6 FRANCOS, moêda Franceza, que iquivalê a 6 ESCUDOS moêda Portugueza.

CAMPONEZES

Ganham por hora 4 FRANCOS.

Devem todos trabalhar 10 horas por dia, ou seja respectivamente 60 FRANCOS e 50 FRANCOS de ganho.

A hospedagem regula por dia de 6 FRANCOS a 10 o maximo.

O contracto é por tempo indeterminado, podendo quem quizer faze-lo por 2 ou 3 ANOS.

Todo o pessoal é seguro por conta da empresa contradora.

Em caso de doença, receberão parte do salario e o tratamento é gratis.

É necessario saber, ler embora pouco, sem isto não podem embarcar.

A viagem é daqui para LISBOA e de LISBOA para a FRANÇA em carros de fogo (camboio) uma viagem como quem vai ver a Cidade onde appareceu Nossa Senhora de Lourdes.

Passagens e passaportes só se tratam na

INTERNACIONAL

na Rua Marquez da Praia, N.º 12. Não tem que errar, é a Rua por onde se vai para a Igreja do Senhor Santo Cristo, em frente á loja dos Srs. Costa & Costa

Dá todas as informações, o agente de passagens e passaportes

VIRIATO M. PEREIRA

ficou a tremular, uns momentos, e logo se diluiu na atmosfera; ouviu-se o ronco da sereia anunciando a largada. Mal o som se extinguiu nos últimos écos, redo-

dos, começou puxando a pesada fragata ta carregada de mercadorias e de emigrantes. De terra acenaram lenços correspondidos por outros acenos dos que seguiam m

da emigração

Recordações de infância — Um embarque de emigrantes para o Brasil

o cemitério de Itaqui — A propaganda da emigração para França

Trabalhos forçados no Alto Amazonas — Uma portuguesa piedosa e

Um engajador ignóbil nos Açores — A dôr, a miséria e a morte

a caminho do desconhecido. Por fim, rebocador e fragata perderam-se na confusão de embarcações pequenas que circundavam o transatlântico a meio do rio.

UM DOS MAIS TRÁGICOS EPISÓDIOS DA EMIGRAÇÃO

O Acacio de Sousa, que na luta pela vida tem exercido as mais variadas profissões, esteve muito tempo no Brasil. O episódio que atrás rememorei perpassou-me na mente quando, há dias, lhe ouvi contar o que êle teve ensejo de observar em certa região brasileira onde muitos emigrantes portugueses, julgando irem encontrar a fortuna, apenas travaram conhecimento com a miséria e com a morte.

— Estive uns quinze dias — dizia-me o Acacio de Sousa, ali a uma mesa do «Nicola» — em Itaqui, cidade do Baixo Amazonas, por ocasião em que a sede de aventuras e de negócios seria capaz de me fazer percorrer o mundo inteiro. Foi isto no ano de 1920. Aquella cidade, que o é apenas no nome, tinha tão poucos divertimentos, fornecia tão raras occorências em que fixar a atenção, que não tive outro remédio, para me entreter, senão observar a vida dos seus escassos habitantes. Notei então que havia ali uma senhora portuguesa, de certo muito piedosa, que tódos os dias visitava o cemitério e acendia lâmpadas em campas de portugueses. Intrigou-me aquella devoção e jurei a mim próprio descobrir o mistério que ela poderia occultar. Empreguei o resto dos dias que ainda permaneci naquela cidade em aturadas investigações.

Acacio de Sousa, para espicaçar melhor a minha curiosidade, antes de tudo nos explicar, alongou-se em pormenores sobre a paisagem luxuriante, o clima tropical e os hábitos semi-selvagens daquela região, e acabou por dizer:

— Terminara havia pouco tempo a construção do caminho de ferro Madeira-Mamoré, no Alto Amazonas. Os jornais portugueses haviam publicado tempos antes grandes réclames de passagens gratuitas para o Brasil, garantindo que os emigrantes, logo que ali chegassem, encontrariam bons emprêgos e chorudos ordenados. Os paquetes de longo curso fundeavam no Amazonas e os emigrantes que haviam lido os tais réclames e se deixavam engajar por agentes suspeitos desciam desses paquetes, eram metidos em pequenos barcos lluviaes, lá conhecidos

pelos nomes de *gaiolas*, e conduzidos rio acima para o interior, onde caíam na escuridão infernal da construção do tal caminho de ferro, através de pântanos impregnados de paludismo, sem assistência de qualidade alguma, longe da civilização, abandonados à vontade suprema dos carrascos que eram os capatazes. Ao cabo de três ou quatro meses de trabalhos forçados, sem nunca terem possibilidade de amealhar o bastante para se libertarem do captivo em que caíram, gastando mais do que o ordenado para se alimentarem mal, acabavam por succumbir aos horrores da miséria e do mau clima. Soube que alguns portugueses, ao chegarem a Itaqui, informados da vida miserável que iriam levar, lançavam-se das gaiolas a nado para terra, sendo alguns dêles abocados pelos jacarés, que lhes apressavam a morte, libertando-os de uma agonia de miséria. Era nêsse cemitério onde a tal senhora piedosa ia tódos os dias acender uma lâmpada que os portugueses, vítimas da construção desse cemitério, iam a enterrar.

UM PROSPECTO IGNÓBIL DE UM NEGOCIANTE DE EMIGRAÇÃO

Falando ainda de emigração, Acacio de Sousa, que, devido à sua vida de aventura por esse mundo, é pessoa entendida na matéria, depois de ter recordado a veracidade de tudo quanto se conta num livro de Ferreira de Castro, «Emigrantes», que tão grande êxito alcançou entre nós e no estrangeiro, sacou de um dos bolsos interiores do casaco um masso de papeis e, de entre êles, tirou um pequeno prospecto, que reproduzimos a acompanhar esta reportagem. Tem o leitor na sua frente o *fac-simile* exacto desse papel ignóbil. Como o leitor vê pela linguagem capciosa em que está redigido, no intuito de criar na mentalidade estreita das populações incultas um grande sonho de riqueza e de bem-aventurança, por detrás de tudo isto pressente-se o engajador sem escrúpulos, que, tal como o batoteiro que mostra ao jogador novato grandes notas do Banco para com dados falsos lhe furtar o reduzido pé de meia, acena nêste caso ao campónio ignorante com facilidades de emigração para terras onde, em vez de sessenta ou quarenta francos por dia, encontrará, com certeza, o abandono, a miséria e a morte. Êste engajador, que certamente não pensou ao redigir o miserável papelucho que viriam a lê-lo e a fazer o devido réclame ao seu traçoeiro negócio, é, como se vê, um especialista dos

Açores em emigração para França. Êste país, como o Brasil nêstes últimos tempos se tem desacreditado porque dia a dia de lá regressam centenas de desiludidos mais pobres do que partiram, transformou-se agora no fulcro da grande negociata da emigração. E' sobre a França que nêste momento, principalmente no Norte do país, os engajadores mais manhosos estão desencadeando, em imaginação, é claro, uma verdadeira chuva de benesses, de felicidades, de riquezas, mais deslumbrantes do que um maná do deserto. As províncias do Minho e Trás-os-Montes fôram invadidas por uma propaganda tenaz, persistente, em favor da emigração para França. Os pobres iludidos seguem em rebanhos resignados e passivos para o matadouro da emigração, com a qual apenas lucram êsses engajadores, que têm feito fortunas monstruosas à custa de lares destruídos, de dramas ignorados de gente humilde, de vidas que se extinguem no exílio, da fome de mulheres e crianças que ficam ao desamparo, esperando a riqueza e a felicidade que os chefes de família fôram procurar em vão em terras de onde nunca mais regressam.

REPORTER MARIO

“A Dama do Sud,”

O público do Porto recebeu com grande entusiasmo a peça de Reinaldo Ferreira

No Teatro Sá da Bandeira, do Porto, estreou-se no pretérito sábado, obtendo pela semana adiante enches sobre enches, a já popular peça do Reporter X, *A Dama do Sud*, que deu, como se sabe, no Teatro do Gimmásio, de Lisboa, uma longa e brilhante série de representações.

A Dama do Sud está sendo desempenhada pela Companhia Ilda Stchini, que dedicou à sua interpretação o melhor do seu carinho.

No noite da estreia, o público que enchia literalmente a vasta sala de espectáculos tributou a Reinaldo Ferreira, nosso presado Director, entusiásticos aplausos, que abrangiam os intérpretes, que se houveram à altura da responsabilidade de seu trabalho.

Reinaldo Ferreira, que foi especialmente ao Porto assistir à *première* da *Dama do Sud*, ficou muito sensibilizado com as manifestações de simpatia do público portuense e muito grato a Ilda Stchini, Alexandre de Azevedo e restantes intérpretes, pelo brilho e entusiasmo que imprimiram à interpretação da sua peça.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Falando com o "Rei dos Escritores" populares de Inglaterra

Edgard Wallace na intimidade—Os escritórios e os empregados de Wallace

—O que Wallace produz e ganha—Indústria moderna—A "gaffe" final

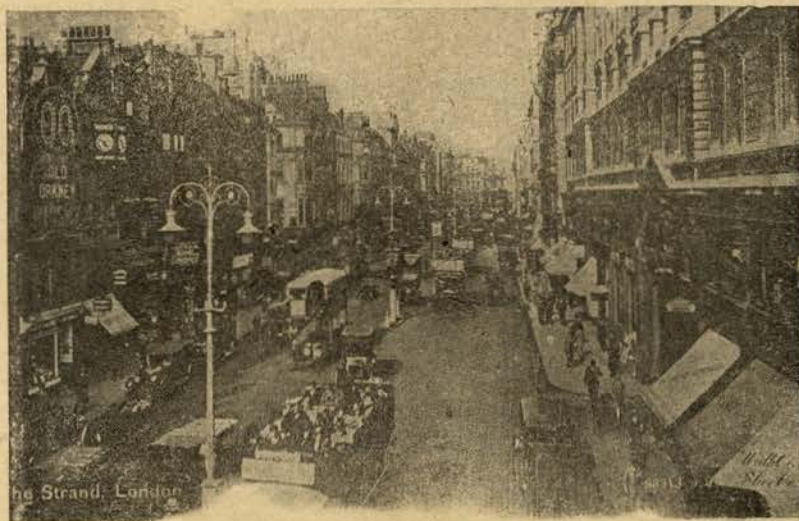
NÃO é a primeira vez que falamos de Edgard Wallace e até da entrevista que ele nos cedeu, há pouco, em Londres, e que só hoje, por imposição das circunstâncias, confiamos à gula das *linotypes*. Antes porém de reproduzirmos o que vimos e escutamos, torna-se indispensável a apresentação do entrevistado aos leitores esquecidos ou pouco interessados em literatura inglesa. Edgard Wallace não é apenas um caso excepcional como escritor; é um fenómeno como homem, um acontecimento impar, o simbolismo máximo, nas letras, de todas as influências industriais modernas da civilização e da ciência. É uma fantasia de Julio Verne posta em prática. É um «homem-máquina», o célebre «KUV²» inventado pelo humorista húngaro Brunette, aperfeiçoado até à maravilha de compôr música ou pintar quadros.

Podem dizer que Edgard Wallace é um romancista, novelista, contista, cinematografista, dramaturgo, exclusivamente do género chamado de emoção ou policial; que em Inglaterra as letras possuem intelectuais como Bernard Shaw, como A. Pinero (um descendente de «Pinheiros», judeus portugueses), o jovem Berrie, autor da famosa «Mari-Luz»; e que mesmo no género propriamente inglês existe Wells, profeta magnífico, Julio Verne da nossa era, Verne da sociologia, da politica, da ciência, que através do humorismo do «Homem invisível» e da sábia ironia da «Guerra dos mundos» entretem os leitores e dá lições profundas à humanidade; que descendo (?) até ao género policial exclusivamente é preciso não esquecer Edgard Poë, que era americano, e Conan Doyle, que era inglês como ele e que foi o grande mestre nessa classe literária... Podem dizer tudo isto, e nós podemos responder-lhes que foi Edgard Wallace quem modernizou o género policial, enriquecendo-o com novos valores literários que não tinha (excepto no de Edgard Poë), mas mais mo-

gue-se a planos de um espiritualismo, de uma intelectualidade, de um bom gosto artístico que o colocam entre os melhores escritores ingleses...

Mas o ódio que ruga contra Edgard Wallace,

dirigido por Wallace... E agora — a imprensa: podemos folhear os grandes ou pequenos diários, ler a secção dos artigos, dos contos, das aneddotas, das chegadas e partidas ou dos anúncios — em todas se encontra o nome de Wallace,



Strand, a central artéria de Londres, onde Wallace possui um dos seus 5 escritórios literários

tudo é feito pelos «oficiais do mesmo ofício», baseia-se no horror que todos os impotentes ou que todos os escritores de suada e difícil produção sentem pelos que trabalham vertiginosamente, pelos que não necessitam de horas ou meses de estática gestação para darem à luz as suas obras. Ora precisamente a nota mais pitoresca de Edgard Wallace — aparte o valor positivo do escritor nas suas múltiplas formas e aspectos — é a da sua fenomenal faculdade de trabalhar muito, sempre em vertigem; a sua quasi acrobacia mental e a orientação científica, industrial, que presidiu à organização da sua vida de modo a dilatar mecânicamente, ao máximo, essas suas faculdades naturais de produção inverosímil.

É impossível passar em Londres uma hora só que seja sem que o nome de Edgard Wallace invada o nosso espírito e nele se fixe, como uma obsessão, assaltando-nos os olhos, os ouvidos, quasi o olfacto e o tacto... Em todos os postos livreiros populares, o maior estendal é o das centenas de novelas populares de Wallace. Em todos os quiosques o seu nome surge na maioria dos *magazines*, como principal autor do número... Em todas as livrarias sérias, as montras estão coaguladas com os *vient-de-paraitre* de Wallace, sempre renovados, sempre esgotados... Mas esqueçamos o romancista, cujo nome nos envolve qualquer que seja o nosso caminho em Inglaterra... Deitemos um rápido olhar pelos cartazes de teatro... Wallace nunca tem menos de cinco a seis peças em scena, nos palcos londrinos, fóra as que lhe representam na provincia e no estrangeiro... Vejamos agora os cinemas...

No cinema Z — «film» tal — argumento de Wallace; Cinema W — «film» tal — diálogo de Wallace; Cinema X — «film» tal — adaptado ou

assinando uma crónica ou um folhetim, ou uma informação de que se estreou em New-York ou em Chicago uma comédia inédita de Wallace; ou participando que Wallace partiu para Berlim a assistir à *première* dum drama seu; para Paris, a fechar contrato para a publicação de 30 volumes seus em francês; ou para Hamburgo, para fiscalizar os serviços do «Kriminal Magazine» — *magazine* alemão de que ele é fundador e director... E se continuarmos a folhear os jornais veremos ainda que a caricatura do dia se refere a Wallace; que o farmacêutico B. anuncia o remédio Y dizendo que Wallace o toma também e que por isso consegue produzir o que produz; que Wallace só usa canetas A..., as meias S..., as boquilhas D.... Uma vez, no «Daily Graphic», contei oito vezes o nome de Wallace e cinco os seus retratos.

Como ex-libris da pasmosa actividade de Wallace vamos repetir uma aneddota que... possivelmente os leitores já esqueceram, e se não esqueceram, «façam boneca»... Conta-se que um dia, certo empresário chamou ao telefone Wallace, dizendo que tinha a maior urgência em falar-lhe. Atendeu-o um dos secretários do escritor, que lhe contou o seguinte: «É impossível! O sr. Wallace começou agora mesmo a escrever uma peça em 3 actos e só lhe falará quando terminar.» Resposta do empresário: «Está bem. Não desligue. Eu espero que ele acabe...»

Entrevistar Wallace é tão difícil como... lêr tudo quanto ele escreve. Dêde a minha chegada a Londres que o procure... Onde reside

(Conclui na pag. 14)



O célebre romancista inglês Edgard Wallace

dernos, pela lógica das épocas em que um e outro trabalharam; que tornou esse género «realista», acabando com os heróis invencíveis e de triunfo permanente; e que por vezes, como no seu romance «Dominadores da alma», é er-

O MISTÉRIO DAS GRANDES FORTUNAS

Um caso de Guimarães que é o «cliché» fiel de muitos outros casos semelhantes perdidos por esse mundo fóra — Quem foi o assassino? — Seria o dinheiro o móbil do crime? — Um segundo assassinio? — A impunidade, prémio dos malfeteiros

O mistério das grandes fortunas... Eis aqui uma bela legenda cinematográfica para um *film* de grande sensação, sendo também um empolgante título para encabeçar uma série de curiosíssimas reportagens ainda a fazer no nosso país...

O assunto é vasto, de gigantescas proporções, demandando uma tal dose de persistência e de trabalho que acabaria, fatalmente, por esmagar de fadiga, por estrangular de cansaço, o repórter que se atrevesse a desventrá-lo para a luz do dia, a esquisá-lo como um paciente anatomista de escandalosas revelações...

Quantos crimes, quantos assassinios, quantas burlas não se descobririam então?... Que tremendo estendal de casos sangrentos, de negras misérias morais, de horrorosas infâmias?... Que de surpresas nos traria essa reportagem?

Como foram adquiridas as grandes fortunas? Quantas pirâmides de torpezas, quantos Niagaras de abjecções não foi necessário transpôr aos importantes nababos do mundo para, finalmente, atingirem a montanha de ouro em que hoje se espoeja a sua vaidade de poderosos intangíveis!...

Nunca vos encontrasteis, leitor, em face de um magnífico palácio, de aspecto esfíngico nas suas janelas cerradas, nos seus portões de cofres fortes, a pensar nas cenas que lá dentro estarão a representar-se a essa hora, nas altas comédias, cheias de imprevistos, plenas de *potins*, que os seus ocupantes terão desempenhado na vida, com o objectivo único do ouro?... E no automovel, de superior marca, reluzente e luxuoso, que, num charco de luz, passa a vosso lado, salpicando-vos de lama e transportando grandes senhores de ar enfatiado e dados aurífugos, também não reparasteis ainda?...

Pois têm a sua história repelente — estou certo disso! —, uma história tal que daria completos romances policiais...

O mistério das grandes fortunas...

Mas no dia em que esse mistério fôsse desvendado, tornava-se preciso construir cadeias, muitas prisões, numerosas penitenciárias, as quais, por bastante vastas que fôsem, abarrotariam, assim mesmo, de criminosos... Uma terça parte da humanidade, pelo menos, iria lá apodrecer os ossos...

UM MISTERIOSO ASSASSINIO QUE DECIDE DA POSSE DE UMA GRANDE FORTUNA

Franklin Havra era já então, em 1906, o maior proprietário do concelho de Guimarães, onde a sua figura marcava como a de um homem de bem, sendo por isso mesmo bemquisto e considerado pelos seus contemporâneos.

Qual não foi pois o espanto de toda a cidade quando, um dia, num caminho deserto, lá para as bandas de S. Torquato, alguém encontrou o cadáver do rico proprietário, de bôcco sobre a terra, enrodilhado pelas convulsões de uma morte horrorosa, parece que ferozmente assassinado a tiro de espingarda caçadeira. A opinião pública ficou impressionadíssima com o triste facto, aventando-se as mais desencontradas hipóteses para justificar, ou, pelo menos, aclarar, o misterioso e brutal assassinio daquele homem de bem... Porque fôra morto?... Quem o matara?...

As investigações, a que as autoridades procederam sem demora, acumulando provas aparentemente incontestáveis, apontaram ao rigor severo da Justiça um incriminado: — Juliano Costa.

E a sociedade, fremente de revolta, de indignação contra o cruel assassino, aprestou-se para o desforço, clamando vingança, pedindo justiça. O julgamento do indigitado criminoso, como um espectáculo raro de forte sensação, reservava porém imprevistos para os assistentes: Juliano Costa, o arguido que se sentava no banco dos réus, estava inocente...

— «...E o assassino do Havra, o verdadeiro assassino, encontra-se nesta sala, nesta sala onde se está julgando um homem inocente, um homem que não matou» — declarou, no meio da maior comoção geral, o advogado de defesa de Juliano Costa, abarcando com um gesto largo,



teatral, acusador, toda a enorme assistência ao julgamento.

Seria verdade?... Mas quem era, nesse caso, o assassino?... Que motivos o levaram a matar?...

No entanto, Juliano Costa foi absolvido do crime que lhe imputavam.

O processo Franklin Havra foi então esculpulosamente revisto, procedendo-se a novas investigações que, afinal, vieram apresentar José Serrano como sendo o autêntico criminoso... Uma prova que para os juizes foi indis-

cutevel: — José Serrano andava à caça no mesmo dia do crime, apresentando algumas estranhas manchas de sangue nas roupas que então vestia...

Seria a José Serrano como o advogado de defesa de Juliano Costa se referia quando afirmava que o verdadeiro criminoso assistia ao primeiro julgamento?... Mistério! Esse advogado, já bastante célebre por essas alturas, não só por ser um formidável cassido mas, nomeadamente, por ser um dos mais fortes esteios da Republica, cujo advento ele preparou e que mais tarde se popularizou em vários negócios escuros, ruinosos para o país, esse advogado, ia eu dizendo, nunca explicou o sentido das suas palavras, nunca quis dizer quem era a pessoa a quem se referia.

E apesar dos protestos de inocência feitos por José Serrano, o tribunal condenou-o a pena de prisão maior, nas terras distantes da Africa ardente e misteriosa...

1.ª PARTE

ANTECEDENTES DO CRIME — UM TESTAMENTO QUE FICA EM ESPÍRITO

O leitor, quando chegar a esta parte da reportagem e ao lêr o sub-título que a corôa, pensará talvez que aqui houve um engano do linotipista ou uma troca de graneis, pois que o lugar deste sub-título é exactamente no início da reportagem. Mas não! Assim é que está bem, por uma conveniência de exposição do assunto, e para mais lúcida compreensão do leitor.

Reportemo-nos, assim, a alguns tempos anteriores ao crime, desprezando a ordem cronológica para atendermos somente à necessidade de aplicarmos a certos actos passados o holofote do raciocínio sereno, desduando-os para a objectiva indiscreta da curiosidade pública. E' uma ligeira visão retrospectiva!

Dos amôres calmos, humanos, mas ilegais, de Franklyn Havra com D. Germana, havia nascido uma menina que recebeu o nome de Maria Clotilde, a qual à medida que ia crescendo mais formosa e encantadora se ia tornando — enlevando o pai numa compreensível adoração pela filha, pedaço do seu sangue, obsessão mística do seu cérebro e iman atraccional de todos os seus sentimentos affectuosos, de todas as suas belas qualidades morais, que faziam d'êla uma pessoa querida por quem com elle convivia...

Mas uma sombra negra entoldava, por vezes, a felicidade daquêles tres entes simples e bons: era quando se punham a pensar na ilegalidade da sua união. Estavam à margem da sociedade os laços estreitos e de dia para dia mais apertados que os prendiam entre si... E já Maria Clotilde era uma perturbante promessa de sadia e linda primavera quando Franklyn Havra pensou fazer testamento a seu favor, pondo assim as duas — mãe e filha — a coberto de necessidades futuras. Que o mundo dá muita volta — pensou. E além disso, os seus irmãos não precisavam do seu dinheiro, porque já eram bastante ricos... Dessa forma, não tinha de que ter remorsos. Depois, deixando a sua fortuna a sua filha única, muito embora natural, pre-

(Conclui na pag. 15)

A MENDIGA DA RUA DA BARROCA

(Continuação da pag. 5)

cesso ardiloso interná-la num hospital de alienados onde a pudessem ter a bom recato e sem que as bocas do mundo se preocupassem mais com a infeliz esposa.

Mas o diabo tece-as, e quando D. Felismina era levada ao engano para Rilhafoles, conseguiu escapular-se.

Nunca mais ninguém ouviu falar nela.

O barão morreu há tempos de morte misteriosa; no entanto os jornais teciam-lhe os mais rasgados elogios. Chamavam-lhe bondoso, carácter bem formado, numa notícia paga a tanto por linha. Assim é que se consegue a boa reputação.

A bailarina ainda existe aí pelas ruas de Lisboa, nos bairros mais excêntricos, exercendo o ignóbil mister de proxeneta, aliciando meretrizes para estrangeiros embarcações que o acaso traz até ao nosso porto.

Os filhos do desventurado casamento da mártir, sacrificada aos caprichos de pais megalómanos, desconhecem a vida triste da mãe.

D. Felismina vive das esmolas que ao entardecer consegue acumular pelos restaurantes que visita, muito embrulhada nos seus andrajos.

Ainda há pouco, no *Familiar*, onde eu tomava a última refeição do dia, vi entrar a mendiga sexagenária, vergada ao peso dos anos e da desgraça, que recolheu para uma saca esburacada os restos de pão da véspera que o creado trouxera numa vasilha de lata.

Os olhos cravados no chão, assim entrou e assim saiu.

E eu fiquei a pensar naquela miséria resignada que a maldade de dois seres humanos transformou num farrapo...

OLIVEIRA ABRANTES

Os mistérios da Lisboa cosmopolita

(Continuação da pag. 9)

Acompanhei-os até a bordo, aproveitando todas as ocasiões das celebridades que se misturavam com os turistas e que podiam oferecer-me entrevistas curiosas... Na confusão do embarque fui alertado por uma discussão entre os viajantes e o comissário... Cinco cavalheiros, entre os quais um russo que já me fora apontado por suspeito, reclamavam uma mala que aparecera sem etiquetas, sem rótulos, sem nome ou número. Era uma mala de couro, enorme e preciosa. A violação era evidente porque se notavam ainda sobre o couro os vestígios da cola das etiquetas. E como o comissário, intrigado com o acontecimento, a trouxe para ali e afixara um «placard» interrogando todos os viajantes — aqueles cinco juravam que a mala lhes pertencia. O mais entusiasta na polémica era o russo. Súbito houve um alarme... Alguém apontara umas manchas vermelhas junto aos fechos metálicos. Houve quem, sob o domínio dos nervos, berzasse: «Sangue!»; e logo um outro que, por confusão ou por graça, berrou, mais forte ainda: «Bombas de dinamite!»... Pânico... Correrias e bruscamente, sem se saber como nem porquê, a mala, que estava junto à ponte, dando a impressão que se movia em consequência duma força interior, reboiou, escorregou — e foi cair no rio... E grande devia ser o impulso porque, erguendo uma onda volumosa, desapareceu para não voltar a ser vista...

O que continha essa mala? Qual a razão porque lhe arrancarem todos os rótulos que pudessem estabelecer a identidade do proprietário? Qual o motivo porque aqueles cinco passageiros a reclamavam simultaneamente? Que significavam as manchas vermelhas? Quem lançaria o grito provocador do pânico? Quem, aproveitando-se desse pânico, a fez desaparecer para sempre? Ignoro... Dez minutos depois o «Stela» abandonava o Tejo, deixando em Lisboa, como única

Falando com o «Rei dos Escritores» populares portugueses

(Continuação da pag. 12)

Wallace? Ele tem um palacete em Londres, próximo do Kensington — mas ali não recebe ninguém. Possui, nos arredores, uma quinta — mas é para descansar — e as suas portas permanecem fechadas a todos os intrusos. Sabe-se que ele dispõe, secretamente, de vários apartamentos onde dorme, segundo as suas conveniências. Mas, examinando a lista dos telefones, encontram-se uns cinco «Wallace Office» pelo menos — na Strand, em Regent Street, em Pall Mall... — «Se fôres a Pall Mall, onde dezenas de dactilógrafas, com capacetes de telefonistas copiam à máquina o que os rolos que Wallace fonografou lhes dizem (Wallace dita a um fonógrafo todas as suas obras), serás gentilmente recebido pelo chefe da redacção de Wallace que te explicará que Wallace nunca põe ali os pés, que aquela casa é exclusivamente dedicada à cópia das obras de S. Excelência... Se fôres a Regent Street — um secretário de *frac*, todo florido, dir-te-á que ali é apenas a Secretaria Geral de Wallace e que deixes o nome, a morada e o motivo da visita... Em Strand apenas se tratam de negócios editoriais; em Old Street apenas se negociam as obras de Wallace com estrangeiros; e em Trafalgar Street apenas se discutem negócios teatrais ou cinematográficos — visto que Wallace é também empresário, dentro e fora de Inglaterra, da maioria das Companhias que representam exclusivamente as suas peças... E ao cabo de 15 dias de correrias através de Londres, recibes um cartão de um dos secretários de S. Ex.^a dizendo que... só dali a duas semanas o poderás entrevistar visto que vai partir para Copenhague ou para a Calábria, a estudar costumes exóticos ou assistir a qualquer «première»...

Assim nos informou um bom amigo. Enchemo-nos de paciência — e passados todos os prazos, recebemos ordem para nos apresentarmos em Regent Street. Um funcionário de Wallace aguardava-nos e com um sorriso amável fez-nos notar que chegámos atrasados 3 minutos e que 3 minutos para Wallace é uma eternidade — tanto assim que... ele apenas nos pode dispensar cinco... Tomámos um «taxi» e parámos frente a um prédio «coquette» numa rua solitária para as bandas de Hyde Park. O elevador conduziu-nos a um terceiro andar. Abre-se uma porta. Entrámos no laboratório do romancista, Edgard Wallace, grisalho, gordo, olhos vivos, fuma cachimbo e enverga um excêntrico «robe de chambre». Um «mapple»... Uma secretária cheia de folhas de «block» — gótas da sua fantasia —, dezenas de rolos de fonógrafo — um aparelho para o qual ele lança os seus livros e as suas peças... Um aperto de mão — uma entrevista em cinco minutos — ultra-rápida:

— Há quantos anos se dedica V. à literatura?
— Há mais de vinte, mas até ao final da guerra a literatura não constituía para mim... uma profissão. De 1918 para cá, sim...

— Pode dar-me uma visão total da sua obra?
— De memória — será difícil... Tenho uma esplêndida organização e folheando os meus livros podia informá-lo até ao mínimo detalhe... Em todo o caso não erro muito afirmando que produzi até hoje mais de 300 contos, 1.000 artigos, 300 a 400 novelas e uns 500 volumes. Para o teatro escrevi cinquenta obras... Para o ci-

nema não tem já conto o número de argumentos que fiz...

— Qual foi o seu maior êxito?

— Em livros foi «The Ridder», 100.000 exemplares no primeiro mês; 1.000.000 no primeiro ano e está traduzido em oito idiomas. No teatro «In the spot» que tem, em todo o mundo, perto de cinco mil representações, através de sete traduções. Só em Londres, deu mil representações seguidas...

— Qual foi a sua maior receita como autor?
— De 1913 a 1914, ganhei apenas 300 libras. A maior... a maior é a do ano passado: 85.000 libras... Ah! mas é preciso ter em conta que é o produto não só do meu trabalho actual como também do meu trabalho de doze anos, que se reflecte continuamente nas minhas receitas. Actualmente trabalho doze horas por dia... Além disso, para poder produzir o que produzo, para arrancar do meu trabalho o que arranco, sou obrigado a manter uma organização muito dispendiosa...

— Exemplo... Tenho seis escritórios, oito secretários, e com dactilógrafas, revisores, agentes, empregados comerciais, representantes de teatro, artistas, etc., o meu pessoal eleva-se a cento e tal indivíduos... e a todos pago generosamente... (Pela primeira vez Wallace tem um gesto de novo-rico...) Além disso viajo continuamente. Só as viagens obrigam-me a um elevado orçamento...

— Trabalho tanto fora como dentro de Londres. Levanto-me às 8 horas da manhã, às 8 e meia estou ditando ao parlafone, até às 12. Das 13 às 15, combino negócios. Das 15 às 18 preparo-me para novos argumentos, novos romances, novas peças, combino, estudo, expremo a fantasia, leio, tomo apontamentos. Três, quatro vezes por semana, trabalho ainda das 21 às 24... Mas se semarmos as madrugadas que eu prolongo até ao amanhecer, posso tirar uma média de 10 a 12 horas diárias... (Wallace pronunciou as últimas palavras olhando para o relógio. Passara cinco minutos).

— Duas perguntas ainda, para rematar: qual a razão porque V. mete com tanta frequência personagens portuguesas e mesmo terras de Portugal na sua obra?

— Tive um grande amigo português, há anos, Manuel da Silva Machado... Morreu em minha casa... Fiquei-lhe com alguns livros. Recordações das nossas conversas de então... Curiosidade de folhear esses livros... V. calcula que um autor com a minha produção é obrigado a servir-se de tudo para preencher esses pequenos detalhes subalternos dos nomes e das terras...

— Qual é o autor português que mais admira?

— Hesitação. Por fim, com certa superioridade, responde:

— D. Quixote!
Em Portugal nenhum escritor conseguiu ganhar, não já num ano, mas em toda a vida, 85.000 libras... O que, com toda a certeza também, não existe em Portugal é um escritor... capaz de cometer a *gaffe* com que Wallace rematou a sua entrevista!

Londres, Dezembro, 1930.

R. X.

recordação, um pequeno éco que publiquei no jornal «A Tarde» sob o título «A mala suicida»...

Ora bem... Entre os passageiros do «Stela» que eu entrevistei — alguns ficaram a corresponder-se comigo. Entre esses — está o jornalista de Berlim Jacob Wors, director do «Deutsch Tage Zeitung». Numa das suas cartas — refere-se nos seguintes termos a esse mistério da mala: «Recordar-se daquele pequeno enigma, à hora da nossa partida de Lisboa? Não ficou por ali. No dia seguinte, o comissário deu pela falta de um passageiro — o ex-coronel russo Demetrio Yoro-

neff. Ora o coronel, que se declarou doente por ocasião da nossa chegada a Lisboa, nunca saiu de bordo enquanto o barco estava nesse porto. Está relacionado este desaparecimento com o mistério da mala? Outro detalhe curioso: os cinco passageiros que a reclamavam foram desaparecendo pelo caminho, não regressando a bordo ou seja ficando em terra — uns em Sevilha, outros nas Canárias, outros na Madeira... Tire você as conclusões que entender... Faça minhas as palavras de Jacob Wors.

R. X.

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

cido por esse tempo e possuía igualmente um filho chamado Guiseppino e, aproveitando-se da parecença destes leves indícios, pretendia apropriar-se da fortuna e da mulher de Canella. Era agora a família do tipógrafo que réclamava para si a posse do louco, apresentando, além de larga cópia de argumentos e razões, alguns dos argumentos e razões com que Giulia Canella pretendia defender os seus direitos.

Este caso estranho, que apaixonou toda a Italia, trepou da discussão de «cafés» e dos centros de cavaco até ao exame sério, grave e ponderado, do Tribunal de Florença. A justiça ia decidir, pesando, medindo, analisando através da lente dos seus inúmeros recursos jurídicos, de que lado estava a razão. Após demoradas locubrações, deu o seu «veredictum» infalível: O louco 44.170, o vagabundo das ruas de Florença, não era Giulio Canella — era Mario Bruneri.

Mas Giulia Canella não se conformou. Podia lá ser que aquêlê homem, que a reconheceu através da sua loucura, que rememorou ternamente o nome de seu filho, que regressou ao lar e ali preencheu o vácuo que em 1916 se fizera com a sua desaparicação; aquêlê homem que ela amava agora com mais ardência do que anos antes; aquêlê homem que, se não era o seu verdadeiro marido, soubera conquistar, pelo menos, o lugar vago pelo Canella que desaparecera em tempos; podia lá ser que esse homem a deixasse agora mais mortificada do que na época em que se julgava viúva, para ir para os braços de outra, que apenas tivera o mérito, não lhe conquistar a alma, mas de lho surripiar através do labirinto complicado das leis! Podia lá ser! E tais documentos apresentou, tais argumentos jogou, por sua vez, para o xadrez da justiça, que esta lhe restituiu de novo o verdadeiro ou falso Giulio Canella, o homem que ela se habituara a estimar como seu verdadeiro marido.

E a outra? E a mulher de Mario Bruneri, que não se conforma com a sentença proferida e reclama com tanta veemência como Giulia Canella o seu lugar no coração do mesmo homem? Voltou a empenhar os seus esforços para obter legalmente o doido para a sua companhia. O Tribunal de Florença está apreciando neste momento este caso moral que se transformou no problema jurídico mais pitoresco e doloroso dos últimos tempos, este problema jurídico que salta fóra da aridez das leis para se erguer à altura quasi inacessível dos grandes problemas sentimentais.

Um diário de grande circulação, ao referir o caso, dizia há dias que não se tratava de uma peça de Pirandello, mas

CARIDADE INFERNAL

(Continuação da pag. 7)

veio confirmar o que o nosso espírito tolerante de descrentes pensava acerca dos que abraçam de sinceridade as doutrinas de Cristo, ressuscitou nítido na nossa memória quando há dias soubemos da forma estranha de proceder de uma irmã da caridade — antítese dessa apagada e humilde portuguesa que ia professar a terras estrangeiras.

Uma mulher que diz ser irmã da caridade — e bem paradoxal é a maneira de exercer a caridade divina — e que se encontra como enfermeira no Hospital de São João da Madeira visitou por várias vezes a casa de Deolinda Rosa de Jesus, casada com Manuel da Fonseca. Estas visitas, porém, faziam-se por uma forma que todas as religiões condenam: entrava, sem pedir autorização, pela casa de Deolinda e, por palavras ásperas, vexatórias, exigia que esta lhe entregasse o marido para levá-lo para o referido hospital.

Manuel Fonseca, o marido de Deolinda, que a caridosa enfermeira queria levar consigo, está quasi entrevado, sendo preciso meter-lhe o comer na bôca, vesti-lo, despi-lo, tratá-lo, enfim, como se fôsse uma criança de meses. Sua esposa, legalmente casada, recusava-se a aceder às exigências da irmã da caridade. Esta, então, em nome de um Deus bondoso que decerto condenava a sua atitude, insultava a pobre esposa, dizendo que ela, por não ser casada pela Igreja, perder algum tinha sobre o marido, evocando o poder o desgraçado, que, choroso, também não acedia aos pedidos intempestivos de tão estranha enviada do Espírito do Bem, os quadros terrificantes do Inferno.

Deolinda de Jesus viu-se forçada a pedir o auxílio do comandante da Guarda Republicana para se defender da fúria religiosa e sectária dessa enfermeira intolerante que pretende, através de torturas, conquistar uma alma para o rebanho piedoso dos fiéis a Jesus.

Esta enfermeira, que é uma vítima do sectarismo religioso, tão condenável como a intolerância de certos ateus, fez-nos evocar a gentil figurinha da companheira de viagem, tão modesta no seu casaco negro e informe, em cujos olhos lindos adivinhámos uma grande ternura de alma, um imenso sentimento de bondade.

Todas as ideias sublimes têm os seus servidores simpáticos, que as elevam, e os seus maus intérpretes, que as degradam.

GUIDO RUIVO

REPORTER X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TÓDOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

apenas de um doloroso caso real. Talvez esse jornal ignore que não há muito tempo se representou na Alemanha uma peça do grande dramaturgo siciliano que aborda, apenas com a diferença de alguns pormenores, um problema idêntico ao que agora se discute no Tribunal de Florença. Intitula-se essa peça, em italiano, Comme tu me vuoi (Como tu me queres).

Teria Pirandello arrancado à vida este drama formidável para levá-lo ao tablado, ou teria a vida copiado a arte? Teria o autor procurado as personagens na existência real, ou teriam as personagens andado à procura do autor?

MARIO DOMINGUES

O MISTERIO DAS GRANDES FORTUNAS

(Continuação da pag. 13)

miava a virtude da bôa companheira que para elle fóra sempre a D. Germana — senhora de excepcionaes qualidades, cuja virtude, para o ser, não precisava dessa pura convenção do homem que se chama o casamento.

Estava resolvido, contudo, que Francklin Havra não chegaria jamais a cumprir essa disposição da sua vontade, bem expressa no seu espírito de cavalheiro, a pesar-da tenaz opposição que os irmãos fizeram áquilo que elles consideravam um «absurdo de velho tonto».

Daí por curtos dias, Francklin Havra apparecia misteriosamente assassinado, indo a sua fortuna engrassar os já de si avultados cabedais dos sobrinhos... O pobre homem não teve tempo de fazer testamento...

A ESTRANHA INSISTENCIA DE UM CONDENADO A PENA MAIOR

Lá do presidio longínquo onde cumpria amargurada pena, José Serrano escrevia para Guimarães, contando as suas negras desventuras e pedindo para que incutissem no ânimo das suas duas filhas a sua innocência. E fazia acusações gravissimas contra os sobrinhos do Havra, Domitílio Martinho (Antão) e Francklin Martinho (Antão), apontando-os como assassinos de seu tio.

Verdade? Mentira?

Nunca se soube ao certo, porque, quando cumpriu a pena maior a que fóra condemnado, e se preparava para escrever um livro de revelações sobre o assunto, após o seu regresso de Africa, poucos dias decorridos, foi também encontrado morto. E curiosa coincidência: o local em que appareceu o seu corpo, bamboleando-se tragicamente numa árvore, estrangulado por uma camisola, era próximo do sitio onde, em 1906, appareceu o cadáver do Havra. Crime ou suicidio? Outro enigma que o povo, eternamente curioso, pretende decifrar, classificando este caso de «suicidio simulado»...

Como instrumentos deste último crime, se o houve, apontam-se dois individuos: Jorge Porto e Gomes.

O primeiro, pouco depois da misteriosa occorrença, estabeleceu-se em Guimarães com uma loja de calçado, não conseguindo explicar a origem do dinheiro com que montou o estabelecimento. O segundo, quasi ao mesmo tempo, embarcava para o Rio de Janeiro, afirmando-se em Guimarães que á custa da família Antão. Este último, o Gomes, era antigo companheiro e homem de confiança do Domitílio Martinho, de quem uma irmã que o Gomes tem ali recebe ainda várias importancias...

Entretanto, os irmãos Antão vão disfrutando na placidez calma dum sereno viver a enorme fortuna que faz deles os primeiros proprietários do concelho e uns dos maiores da provincia...

Diz o povo que elles têm tanto dinheiro que até já lhe perderam a conta...

O leitor precisa saber o destino que levaram a antiga companheira e filha natural de Francklin Havra. E justificado o seu desejo...

Logo depois do misterioso assassinio, as duas pobres senhoras, sabendo a sua situação insustentavel em Guimarães, abandonaram a cidade indo viver para uma praia próxima, Povoa do Varzim, onde se lançaram corajosamente ao trabalho, um trabalho digno como o foi sempre a sua própria vida através todos os transe, ainda os mais diffices.

A D. Germana não pôde resistir por muito tempo aos desgostos morais que duma fórma brutal a atingiram: — succumbiu a um trágico destino de fatalidade. Quanto a sua filha, Maria Clotilde, que lhe sobreviveu durante anos com heroico estoicismo e sempre honesta, faleceu recentemente, há alguns meses, no meio da maior pobreza que quasi tocava a miséria...

AMERICO FARIA

O maior sucesso literário de 1931

Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE !

ASSUNTOS PALPITANTES !

DIRECTOR :

REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

Quinta-feira, 2 de Abril

NOVELA POLICIAL

N.º 10

O homem sem boca

De **MARIO DOMINGUES**

A NOVELA POLICIAL

16 páginas — Uma novela policial completa,
original, inédita — Capa a cores

Preço: UM ESCUDO

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || **ROSSIO, 3, 3.º** || Endereço
2-5442 || **LISBOA** || Telegráfico
REPORTERX